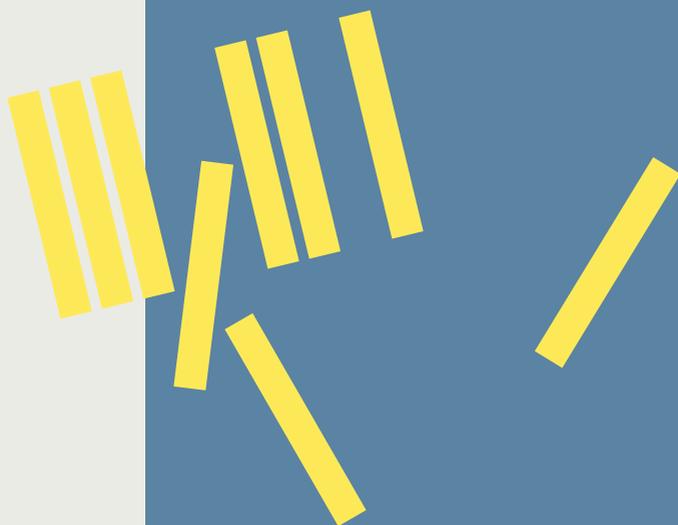


TEMPO DE MUDA

Ensaio de psicanálise



Renato Mezan

Blucher

2ª edição

RENATO MEZAN

Tempo de muda

Ensaio de psicanálise

2ª EDIÇÃO

Tempo de muda: ensaios de psicanálise, 2ª edição

© 2021 Renato Mezan

Editora Edgard Blücher Ltda.

1ª edição – Companhia das Letras, 1998

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonas Eliakim

Produção editorial Luana Negraes

Diagramação Guilherme Henrique

Preparação de texto Cristina Penz

Revisão de texto Ana Paula Castellani, Beatriz de Freitas Moreira, Beatriz Carneiro

Índice remissivo Angela Maria Vitório, Maurício Katayama

Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Mezan, Renato

Tempo de muda : ensaios de psicanálise / Renato Mezan. – 2. ed. – São Paulo : Blucher, 2021.
336 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-266-3 (impresso)

ISBN 978-65-5506-267-0 (eletrônico)

1. Psicanálise 2. Psicanálise – Aspectos morais e éticos
3. Psicanálise – História 4. Psicanálise e cultura I. Título

21-0837

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação da primeira edição.....	7
Nota à segunda edição	12
PARTE I – A CLÍNICA NA CULTURA	13
O estranho caso de José Matias.....	15
Um homem de luto por si mesmo: o caso Althusser	57
“Um espelho para a natureza”: notas a partir de <i>Hamlet</i>	71
Entre as dobras do texto: aspectos da escrita psicanalítica	93
Tempo de muda	103
O mal absoluto: sobre uma peça de Alberto Moravia.....	127
Arte e sexualidade: a propósito da exposição Mapplethorpe	153
PARTE II – PSICANÁLISE E ÉTICA	175
O psicanalista como sujeito moral.....	177
Freud, ética e cultura	191
A ética como espelho para a psicologia	215
PARTE III – QUESTÕES DE TEORIA E DE HISTÓRIA DA PSICANÁLISE	225
A transferência em Freud: apontamentos para um debate	227
Viena e as origens da psicanálise.....	247

Conteúdo

Psicanálise e neurociências: uma questão mal colocada	271
Psicanálise e psicoterapias: qual relação?.....	281
Metapsicologia: por que e para quê.....	297
Índice remissivo	323

O estranho caso de José Matias¹

Ao concluir a interpretação do sonho da injeção em Irma, Freud formula numa sentença lapidar o “novo conhecimento” que resulta do seu trabalho: “o sonho se mostra como uma realização de desejo”.² E como esta tese vai ser reafirmada ao longo de todo o livro, podemos considerá-la o eixo fundamental da argumentação, não apenas porque resume o essencial da posição do autor, mas ainda porque da necessidade de defendê-la contra objeções aparentemente justificadas vão surgindo os contornos da teoria que a torna possível. Por exemplo, não parece à primeira vista que todos os sonhos sejam realizações de desejos; mas assim pensamos porque não distinguimos entre o conteúdo manifesto de um sonho – a sequência de imagens de que nos lembramos ao acordar – e seu conteúdo latente, isto é, os pensamentos e desejos a partir dos quais ele se formou. Mas se todo sonho é uma realização de desejo, por que não enuncia claramente o desejo que o anima? Porque uma censura se opõe à manifestação direta deste último, tornando-o irreconhecível mediante os mecanismos do “trabalho do sonho”. Neste caso, devemos supor que o desejo e a censura correspondem a forças psíquicas capazes

¹ Conferência no curso da Funarte “O desejo”, abril de 1989. A versão original deste texto, que para a presente edição foi ligeiramente modificado, saiu em *O desejo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pp. 329-362.

² S. Freud, *A interpretação dos sonhos*, capítulo II, *Studienausgabe* (SA) II, 140; *Biblioteca Nueva* (BN) I, p. 421.

de entrar em conflito; mas como e onde tal conflito ocorreria? Precisamos agora imaginar um “aparelho psíquico” com tais e quais características, de cujo funcionamento em determinadas condições possa surgir um sonho... Tomando assim as objeções como alavancas para desenvolver sua hipótese, Freud a vai refinando paulatinamente, e nesse movimento faz mais do que elucidar os enigmas do sonho: lança as bases de toda a armação conceitual da psicanálise.

Não é difícil perceber que a ideia de desejo é a mola mestra da construção freudiana. No entanto, ao tentarmos determinar com mais nitidez o que ela significa, vemo-nos a braços com uma grande multiplicidade de ocorrências e de variações: o índice remissivo da *Interpretação dos sonhos* registra várias centenas de passagens em que é empregado o termo “desejo”. Por um lado, é compreensível que assim seja, se esta noção é de fato central no raciocínio de Freud; por outro, o leitor sente-se um pouco desorientado, e busca distinguir alguma constante em meio a tanta diversidade. Uma pista pode ser encontrada no próprio acoplamento das palavras “desejo” e “realização”: um desejo é algo que busca se realizar, e neste processo se depara com diversos tipos de obstáculos. A originalidade de Freud não reside certamente em ter enunciado este truísmo; eu a veria antes na radical renovação trazida à concepção de desejo, bem como no mapeamento preciso dos obstáculos que se antepõem à sua efetivação. E o primeiro passo desta renovação consiste exatamente em localizá-lo no sonho, isto é, numa manifestação psíquica à qual a psicologia acadêmica nunca dera importância, negando mesmo que ela possuísse qualquer sentido.

Na seção C do capítulo VII, intitulada “Sobre a realização do desejo”, Freud retoma sua descoberta fundamental:

Certamente estranhamos que o sonho sempre deva ser uma realização de desejo, e não apenas devido à contradição que decorre do sonho de angústia. Depois que os primeiros esclarecimentos obtidos pela análise nos ensinaram que atrás do sonho se ocultam sentido e valor psíquico, nossa expectativa não era de modo algum que este sentido tivesse uma determinação tão unívoca. Segundo a definição de Aristóteles – correta, mas insuficiente –, o sonho é a continuação do pensamento durante o sono, enquanto dormimos. Ora, se nosso pensamento cria durante o dia atos psíquicos tão diversos – juízos, conclusões, refutações, expectativas, propósitos, etc. –, por que deve ser obrigado de noite a se limitar à produção de desejos?³

³ S. Freud, *A interpretação dos sonhos*, capítulo VII, seção C, SA II, p. 525, BN I, p. 680.

A resposta a esta pergunta conduz a uma série de desenvolvimentos, dos quais quero mencionar brevemente os mais importantes. Existem sonhos em que o desejo está mais disfarçado do que em outros, e nos quais só podemos descobri-lo após uma minuciosa análise. Isto significa que há desejos mais “visíveis” do que outros, e Freud atribui esta diferença ao *lugar* psíquico em que se forma cada desejo individual: pode haver desejos conscientes, desejos pré-conscientes e desejos inconscientes, estes últimos sendo inconscientes ou porque foram reprimidos após uma breve permanência na consciência, ou porque sempre foram inconscientes, já que encontram na consciência ou nos ideais do indivíduo uma oposição tão forte que torna impossível seu reconhecimento como desejos próprios, “meus” desejos. Mas esta circunstância não os impede de continuar existindo, nem de visar à satisfação: esta será simplesmente produzida por meios tão sinuosos que já não a poderemos discernir nas imagens do sonho sem o auxílio da interpretação.

Desta topologia dos desejos, Freud deduz que apenas o desejo inconsciente possui força bastante para suscitar um sonho, embora para isso necessite apoiar-se num outro aparentemente anódino, consciente ou pré-consciente, que lhe servirá de veículo ou de máscara para atravessar a barreira da censura. Nesta operação, a força psíquica que se exprime na censura faz valer seus direitos, impondo ao desejo inconsciente uma série de transformações que o esvaziam do seu sentido original e o tornam irreconhecível. Vocês veem que a tese fundamental do livro – o sonho é uma realização de desejo – é compatível com, e mesmo exige, uma teoria bastante complexa do funcionamento psíquico, que envolve as ideias de transformação, de defesa, de localidades mentais, de disfarce e ocultamento do sentido, etc. Mas o que nos interessa nesta breve visita à *Interpretação dos sonhos* é sublinhar que Freud designa por “desejo” atos psíquicos que podem ser localizados em qualquer das instâncias que compõem o aparelho psíquico: há desejos conscientes (ser professor, por exemplo), desejos pré-conscientes (o desejo de dormir), desejos inconscientes (humilhar o pai e se vingar dele). Disso decorre a ideia de uma *composição* de desejos, já que um desejo inconsciente e repudiado pela censura deve se combinar com um desejo inofensivo para formar um sonho. Por este motivo, a satisfação proporcionada a este desejo inconsciente deve ser uma *satisfação substitutiva*, análoga porém não idêntica à que o gratificaria de modo completo. E isto porque entre os obstáculos com que pode se deparar a realização do desejo devemos contar, além dos que a realidade externa impõe, também e sobretudo as barreiras colocadas pela censura interna: quando

dormimos, não há impedimentos que provenham da “realidade”, que justamente é colocada fora de ação pelo sono.

Estas considerações preliminares têm a sua importância, na medida em que se tornou lugar-comum dizer que a psicanálise define o homem pelo desejo. A palavra tomou um sentido cada vez menos específico, a ponto de designar algum tipo de carência essencial, uma versão psicanalítica do velho tema religioso e filosófico da finitude. Este não é o sentido original que Freud dá ao termo *Wunsch*: não teria sentido deduzir sua ambição de ser professor em Viena, ou o banal desejo de dormir, de algo tão portentoso quanto a imperfeição ontológica que nos afeta enquanto seres mortais... A inflexão do sentido freudiano rumo à ideia da finitude consubstancial ao ser humano provém da elaboração de Lacan, que por sua vez remete à problemática do desejo na *Fenomenologia do espírito* de Hegel. É nesta obra que o nascimento da consciência de si a partir da consciência perceptiva é determinado como desejo; o problema é que o vocábulo empregado por Hegel não é jamais *Wunsch*, e sim *Begierde*, que quer dizer desejo violento, concupiscência. Numa nota à sua tradução da *Fenomenologia*, Jean Hyppolite precisa: “traduzimos *Begierde* por *désir*, e o termo nos parece dever ser tomado em sua significação mais geral”.⁴ E em seu livro *Genèse et structure de la phénoménologie de l'esprit de Hegel*, o mesmo Hyppolite explica assim o sentido hegeliano da *Begierde*:

O desejo é este movimento da consciência de si que não respeita o ser mas o nega, ou seja, que se apodera concretamente dele e o faz seu [...]. O objeto individual do desejo, este fruto que vou colher, não é um objeto posto na sua independência; podemos também dizer que enquanto objeto do desejo, ele é e não é; é, mas logo já não será; sua verdade é ser consumido, negado, para que a consciência de si, através desta negação do outro, se reúna consigo mesma. Daí o caráter ambíguo do objeto do desejo, ou melhor, a dualidade do fim visado pelo desejo [...]. O fim do desejo não é, como se poderia crer superficialmente, o objeto sensível – este é apenas um meio – mas a unidade do Eu consigo mesmo. A consciência de si é desejo; mas o que dela deseja, sem o saber ainda explicitamente, é ela própria, é seu próprio desejo, e é por isso que ela só poderá atingir a si mesma encontrando um outro desejo, uma outra consciência de si. A dialética teleológica da *Fenomenologia*

⁴ G. W. Hegel, *La phénoménologie de l'esprit*, Paris, Aubier-Montaigne, tomo I, p. 147, nota 6.

explicita progressivamente todos os horizontes deste desejo que é a essência da consciência de si. O desejo visa aos objetos do mundo, depois um objeto já mais próximo de si mesmo – a Vida –, e enfim outra consciência de si; é o desejo que busca a si próprio no outro, o desejo de reconhecimento do homem pelo homem.⁵

Sabemos que Lacan vai tirar um imenso partido desta ideia de Hegel, vindo a definir o desejo, em sua teoria, pela célebre fórmula “o desejo do homem é o desejo do outro”. Não nos compete hoje estudar as implicações deste conceito; quero apenas sublinhar que ele coloca enormes problemas para a tradução e para a compreensão do que Freud, em sua teoria, entende por *Wunsch*. No livro em que enuncia os princípios da nova e polêmica versão das obras completas de Freud que está sendo realizada sob sua direção, Jean Laplanche argumenta em favor da tradução deste termo por *souhait*, reservando *désir* para *Begierde* e seus derivados, que aparecem muito raramente nos escritos de Freud.⁶ Ora, *souhait* é para nós vontade, o termo menos expressivo e forte de uma série que contém *anelo*, *anseio*, *aspiração*, *desejo* e outros. Num fascinante *Dicionário de sinônimos da língua portuguesa*, o professor Rocha Pombo ilustra: “tem-se vontade de sair cedo de casa (sem fazer disso grande questão); tem-se desejo de possuir algum bem que nos agrada ou nos encanta; sente-se anelo do Céu ou de coisas excelentes, muito altas ou muito difíceis; tem-se anseio por alguma coisa que nos apaixona; alimentam-se grandes aspirações que raramente se realizam”.⁷ Estamos assim diante do embaraço da escolha... tanto mais que *Wunsch* pode ser empregado em locuções como *auf Wunsch* (a pedido), *nach Wunsch* (à vontade, sem limite), *Glückwunsche aussprechen* (formular votos de felicidade) – isto é, presta-se a várias das acepções que Rocha Pombo distingue tão cuidadosamente.

Frente a esta impossibilidade de fazer coincidirem as franjas semânticas das diversas línguas, creio que o mais indicado é traduzir o *Wunsch* de Freud por *desejo*, respeitando o uso consagrado. Mas por isso mesmo cabe-nos tentar resolver o problema ali onde se encontra, isto é, no pensamento de Freud e nos seus

⁵ Jean Hyppolite, *Genèse et structure de la phénoménologie de l'esprit de Hegel*, Paris, Aubier-Montaigne, 1946, pp. 153-5.

⁶ Jean Laplanche et alii, *Traduire Freud*, Paris, PUF, 1989, artigos “Désir”, “Souhait”, “Plaisir”, “Désirance” e outros.

⁷ José Francisco da Rocha Pombo, *Dicionário de sinônimos da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, s. n., 1914, p. 237.

escritos, e não no dicionário. Pois o que recolhemos da nossa rápida incursão pela *Traumdeutung* é precisamente que, nas mãos de Freud, esta palavra nada rara na língua – desejo – vai se tornando progressivamente um conceito, isto é, um termo homônimo da palavra usual, mas cujo conteúdo é construído de modo a se afastar consideravelmente do sentido ordinário dela.

Mas vocês devem estar estranhando um pouco o caminho que tomei para lhes falar do desejo sob a óptica de Freud. Pois ele não afirma a universalidade do desejo sexual? E onde está essa característica, naquilo que lhes disse até agora? Vocês esperavam, talvez, que eu abordasse o desejo incestuoso, os desejos de morte, os desejos edipianos ... É verdade que Freud fala, e muito, destes desejos. Mas também é verdade que, em seu pensamento, a noção de desejo não parte desta esfera de problemas como de um a priori. De modo que, para ir com calma, podemos começar com esta ideia em essência simples: o desejo visa à sua realização ou satisfação, e, como no exemplo do sonho, tropeça nesta via com dificuldades de várias ordens. Ora, se assim for, a concretização de um desejo deve trazer ao indivíduo uma sensação de prazer, já que o desejo insatisfeito é vivido como uma tensão interna; a satisfação consiste precisamente em suprimir esta tensão, alcançando o objeto capaz de acalmá-la. Introduzimos deste modo na questão do desejo um novo termo: o *objeto*. Este é, por enquanto, aquilo que aplaca ou satisfaz o desejo: definição bastante vaga, porém, e que podemos tentar refinar. Sabemos que atingir o objeto produz satisfação; e, quando o objeto não pode ser atingido, as consequências podem ser graves, dependendo da intensidade do desejo, do tipo de obstáculo encontrado, da maneira pela qual se cria ou não uma satisfação substitutiva... Vocês já adivinharam: o terreno privilegiado no qual a psicanálise vai situar a problemática do desejo é a chamada *teoria das neuroses*.

Uma das formulações mais precisas que a este respeito encontramos na obra de Freud é a que abre o capítulo II de um artigo de 1916, “Certos tipos de caráter descobertos pelo trabalho psicanalítico”.

O trabalho psicanalítico nos oferece uma proposição: os homens adoecem de neuroses em consequência da *recusa*. Entende-se aqui a recusa de satisfação para seus desejos libidinais, e é preciso um desvio mais longo para compreender a proposição. Pois, para o surgimento da neurose, necessita-se um conflito entre os desejos libidinais de uma pessoa e aquela parte de seu ser a que denominamos seu ego, que é a expressão de suas pulsões de autoconservação e contém seus ideais quanto a seu

próprio ser. Tal conflito patógeno só ocorre, assim, quando a libido quer se atirar a caminhos e finalidades superados e condenados de há muito pelo ego, que ele proibiu para todo o sempre; e a libido só faz isso quando lhe foi retirada a possibilidade de uma satisfação real conforme ao ego. Com isso, a privação, a recusa de uma satisfação real, torna-se a primeira condição para o surgimento da neurose, embora esteja longe de ser a única.⁸

Isto já soa mais familiar. Encontramos aqui alguns velhos conhecidos: os desejos libidinais (notem o plural), o conflito psíquico, o ego e seus ideais, a divergência entre as finalidades de libido e as exigências tanto do ego como da realidade, a noção da *Versagung* (que costuma ser traduzida como “frustração”, mas que significa fundamentalmente “recusa”), a ideia de que para se produzir um efeito psíquico – no caso o surgimento de uma neurose – é necessária uma série de condições que interagem umas sobre as outras, somando-se ou inibindo-se reciprocamente. Do ponto de vista da teoria do desejo, porém, não parece haver aqui nenhuma novidade: os desejos – libidinais – buscam satisfação, esta lhes é negada por tal ou qual circunstância, e isto conduz à busca de satisfações substitutivas, neste caso os sintomas da neurose. Mas prestemos atenção: este parágrafo introduz um capítulo intitulado “Os que fracassam com o êxito”, e esta é uma das mais curiosas descobertas da psicanálise: a de que existem pessoas que, ao se cumprir um desejo longamente acalentado, reagem da forma mais extravagante – não podem tolerar sua felicidade, ficam em pânico, e acabam se privando de gozar a satisfação que imaginavam buscar, agindo de modo a destruir as condições que tornariam possível desfrutar do que obtiveram. Freud estuda longamente, neste artigo, os casos de Lady Macbeth e de Rebecca West, uma personagem do drama *Rosmersholm*, de Ibsen. São mulheres que ousaram chegar ao crime para conseguir o que queriam – ser rainha ou casar-se com o ex-patrão – e que, ao atingir seus objetivos, literalmente desmoramam, delatando-se como culpadas e renunciando portanto a usufruir daquilo que tanto haviam almejado.

Mas não vejo interesse em reproduzir para vocês a análise que Freud propõe destas histórias. Shakespeare e Ibsen não são os únicos a poder ilustrar esta singular constelação; e, para lhes dar uma ideia de como o desejo é situado pela psicanálise freudiana, penso que o melhor é apoiar-me numa história de vida, nas

⁸ “Certos tipos de caráter descobertos pelo trabalho psicanalítico”, SA X, p. 236, BN III, p. 2416.

atribuições de um indivíduo às voltas com seus desejos e com suas dificuldades. Razões de discrição me impedem aqui de recorrer a exemplos tirados do meu trabalho como psicanalista; a exemplo de Freud, contudo, isso pode ser contornado se recorrermos à literatura. Existe um conto de Eça de Queirós – “José Matias”⁹ – no qual o personagem parece ter-se inspirado no destino daqueles que “fracassam com o êxito”. Vamos nos permitir tratá-lo como se fosse uma pessoa de carne e osso, no que aliás seremos auxiliados pela precisão e pela finura com que Eça recapitula sua infeliz biografia.

A “PSICOLOGIA” DO NARRADOR

Recapitula, porque a cena se passa no enterro de José Matias. O narrador, amigo do falecido, vem prestar-lhe a derradeira homenagem; encontra outro amigo, convida-o a partilhar a carruagem de praça que tomou, e no caminho para o cemitério vai contando as peripécias que marcaram a vida do defunto. José Matias morreu pobre e bêbado, mas fora moço elegante, airoso, herdara terras e rendas da mãe e de um tio visconde. E como foi sua decadência? Mortos os pais, havia ido morar com este tio, general aposentando; na casa vizinha, vivia a bela Elisa, a sublime e divina Elisa, casada com o conselheiro Matos Miranda, doente e trinta anos mais velho do que ela. Ele a avista e concebe um amor “forte, profundo e absoluto”. Durante dez anos, se escrevem e se veem na casa de uma amiga comum, tia-avó do personagem. Mas isso é tudo; jamais trocaram um beijo sequer, quanto mais...

Um dia, morre o conselheiro. E José Matias abala-se para o Porto, para não dar margem a mexericos; só que passam os meses, o luto da viúva termina, e nada de José Matias aparecer. Elisa se casa de novo, com Torres Nogueira, homem de bastos e vigorosos bigodes negros. Ela bem que tentara se aproximar do ex-vizinho, mas debalde; este não queria vê-la nem ouvir falar de casamento, de modo que, na flor dos trinta anos, a moça acaba por ceder aos apelos do outro e vem morar com ele na mesma casa de antes. José Matias regressa a Lisboa e volta a viver com

⁹ Eça de Queirós, *Obra completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, vol. II, pp. 1233-47. Agradeço a Yvoty de Macedo Pereira Macambira a sugestão de trabalhar com este conto. Como ele é curto, não multiplicarei as indicações de página nas citações que se seguem, todas extraídas *ipsis litteris* da narrativa.

os olhos postos nela, mas agora sua existência é atormentada pelos ciúmes: começa a jogar e a beber, estonteia a cidade com suas extravagâncias, e observa Elisa a distância, sempre buscando vê-la na janela ou no terraço da casa vizinha.

Mais sete anos se passam, e o Torres Nogueira, acometido de moléstia incurável, vem a morrer. Novo luto, e desta vez é Elisa quem se afasta para a quinta de uma cunhada no interior. Ali conhece outro moço, cuja mulher o abandonara; amam-se apaixonadamente, ele a instala numa casa em Lisboa e vai morar na outra extremidade da mesma rua. Arruinado pelo jogo e pela vida desregrada, José Matias passa a frequentar uma taverna em frente à casa da amada; de um portal cômodo, observa-a todas as noites, e ela lhe retribui os olhares silenciosos... Mas ele não se satisfaz com isso. Sem se fazer notar, segue durante o dia o amante de Elisa, vigiando-lhe todos os passos, zelando pela fidelidade dele à sua “deusa”! E assim se passam mais três anos, até que, combalido pela fome e pela doença, este que fora outrora um guapo mancebo é encontrado uma madrugada “estirado no ladrilho, todo encolhido no jaquetão delgado, arquejando, com a face coberta de morte voltada para as varandas de Elisa”.

Estranha história! O narrador, filósofo e comentador de Hegel, autor de um *Ensaio sobre os fenômenos afetivos*, vai salpicando o relato com hipóteses sobre os motivos de tão desarrazoado comportamento. Seu diagnóstico pode ser assim resumido: o moço, que já nos tempos de Coimbra havia chamado a atenção dos colegas por sua “horrenda correção”, seria um caso perdido de hiperespiritualismo, atacado de uma “inflamação violenta e pútrida do espiritualismo”, um “ultrarromântico loucamente alheio às realidades fortes da vida”. Ao saber que José Matias havia se recusado a casar com Elisa na época da primeira viuvez, bem que tentou “esfurar o ato com a ponta de uma psicologia que expressamente aguçara”. Em vão: “já de madrugada, estafado, concluí, como se conclui sempre em filosofia, que me encontrava diante de uma causa primária, portanto impenetrável, onde se quebraria, sem vantagens para ele, para mim ou para o mundo, a ponta do meu instrumento!”. Pobre narrador... diríamos nós, do alto de nossa psicologia moderna; seu instrumento não era dos mais afiados, ignorante que estava das descobertas da psicanálise! Que aguardasse mais trinta anos e lesse “Os que fracassam diante do êxito”: lá encontraria, preto sobre branco, a teoria que lhe faltava, o instrumento para penetrar nas causas primeiras. Mas acautelemo-nos, pois nos volta à memória a resposta ferina que Freud deu certa vez a seu ex-discípulo Stekel. Este, procurando justificar certas ideias suas que contradiziam a psicanálise,

havia dito ao mestre que “um anão nos ombros de um gigante vê mais longe do que este”. Ao que Freud retrucou: “Sim, mas um piolho na cabeça de um astrônomo não enxerga nada”.

Mesmo assim, não custa experimentar algumas hipóteses, para ver aonde elas nos conduzem. Pois o diagnóstico do narrador não nos esclarece muito: ele se limita a classificar o herói na categoria dos “ultrarromânticos”, ou no máximo a pretender que sofria de uma “inflamação pútrida do espiritualismo”. A metáfora médica não basta como conceito, já que nada diz sobre o que seja tal espiritualismo, nem sob quais condições ele pode se “inflamar”, nem, sobretudo, de que modo a suposta inflamação produz precisamente estes e não outros efeitos sobre o comportamento do rapaz.

A bem dizer, o narrador avança duas outras possibilidades. Falando da felicidade serena com que José Matias suportara a castidade de relação com Elisa durante a vida do primeiro marido, o autor do *Ensaio sobre os fenômenos afetivos* postula que o moço “nascera desvairadamente espiritualista”. Questão de constituição, diríamos hoje em linguagem mais empolada: a força das pulsões deste homem, ou a fraqueza delas, determinou seu destino. É evidente que a constituição assim incriminada não é mais do que uma petição de princípio, uma causa *ad hoc* que faz pensar na “virtude dormitiva” contida em certos alimentos, e que segundo um autor lembrado por Kant seria a responsável pelo sono de quem os ingerisse. A outra hipótese é igualmente descartável: descrevendo o caráter suave e manso de José Matias durante os anos em Coimbra, o narrador se admira de que o amigo fosse o único intelectual daquela geração a não rugir com as misérias da Polônia e a permanecer insensível frente à ferida de Garibaldi. Mas não era um sádico, não demonstrava dureza ou egoísmo: “toda a sua inabalável quietação parecia provir de uma imensa superficialidade sentimental”. Parece que estamos aqui diante de uma causalidade suficiente, mas isso não se confirma: a “superficialidade sentimental” é apenas outro nome da “inabalável quietação”, sem que possamos atribuir à primeira a origem da segunda. Para o psicanalista, ambas são apenas traços de caráter, talvez sintomas – que Ronald Fairbairn descreveu com o nome de *esquizoidia* – o que, desligado de considerações mais abrangentes, tampouco nos faz avançar muito na elucidação do problema.

Quais considerações? Vocês concordarão em que não é possível proceder como o narrador, e simplesmente catalogar o infeliz personagem como um espécime da classe dos “que fracassam ao obter êxito”. E isto não somente

porque a classificação nada explicaria deste destino único, mas principalmente porque não há motivo algum para supor que a viuvez da Elisa tivesse significado para José Matias um “êxito”. A tal ideia recorreria de imediato o bom senso educado pela difusão da psicanálise: eles se amam, o marido morreu, estão dadas as condições para um desenlace (ou enlace) feliz; mas o José Matias pertence à categoria dos que fracassam com o êxito, de modo que, em vez de arranjar uma esposa, arranja uma neurose! Esta era a opinião do narrador, na noite em que conduziu à estação o amigo que ia se refugiar no Porto: “um ano de luto, e depois muita felicidade e muitos filhos... é um poema acabado!”. Isto pressupõe que fosse desejo de José Matias desposar Elisa, de onde a espantosa desilusão que se apodera do narrador ao saber que ela se casara com o tal Torres Nogueira, e, mais ainda, que José Matias é que não quisera o matrimônio. E dê-lhe madrugadas insones...

É que sua “psicologia” descarta alguns dados de grande importância, e que no entanto conhece, já que no-los transmite. Cito-o:

Invejei aquele homem na janela, hirto na sua adoração sublime, com os olhos, e a alma, e todo o seu ser cravados no terraço, na branca mulher calçando as luvas claras [...]. E este enlevo, meu amigo, durou dez anos, assim esplêndido, puro, distante e imaterial! [...] Não duvide! Algum aperto de mão fugidio e sôfrego, sob os arvoredos de D. Mafalda, foi o limite exaltadamente extremo que a vontade lhes marcou ao desejo. O meu amigo não compreende como se mantiveram assim dois frágeis corpos, durante dez anos, em tão terrível e mórbido renunciamento... Sim, decerto lhes faltou, para se perderem, uma hora de segurança ou uma portinha no muro. [...] Mas, na castidade deste amor, entrou muita nobreza moral e muita finura de sentimento. O amor espiritualiza o homem – e materializa a mulher. Essa espiritualização era fácil ao José Matias, que (sem nós desconfiarmos) nascera desvairadamente espiritualista, mas a humana Elisa encontrou também um gozo delicado nessa ideal adoração de monge, que nem ousa roçar, com os dedos trêmulos e embrulhados no rosário, a túnica da Virgem sublimada. Ele sim, gozou neste amor transcendentemente desmaterializado um encanto sobre-humano. E durante dez anos [...] caminhou, vivo e deslumbrado, dentro do seu sonho radiante, sonho em que Elisa habitou realmente dentro da sua alma, numa fusão tão absoluta que se tornou consubstancial com o seu ser! Acreditará o meu amigo que ele abandonou

o charuto, mesmo passeando solitariamente a cavalo pelos arredores de Lisboa, logo que descobrira na quinta de D. Mafalda que o fumo perturbava Elisa?¹⁰

Esta passagem é uma espécie de concentrado do conto, e para o psicanalista ela contém algumas informações preciosas. Diga-se aliás que, não fosse a generosidade de Eça ao descrever com este grau de minúcia o comportamento de José Matias, nossos esforços estariam fadados ao mesmo destino que o instrumento noturno do narrador. Pois é só com detalhes aparentemente banais da vida, com as referências casuais a eventos, lembranças e fantasias passadas ou presentes – é só com este tipo de material que o psicanalista pode contar para apreender algo do funcionamento psíquico de seus pacientes (e, é claro, de si mesmo). O que o narrador conta ao amigo enquanto acompanham o enterro equivale ao que chamamos de *associações livres*: são lampejos em meio a um relato mais ou menos ordenado, com suas idas e vindas e comentários paralelos. Mas, dirão vocês, o José Matias não profere uma única palavra durante a história inteira! Como é possível analisar um defunto, e ainda por cima mudo?

Convenhamos que não é tarefa simples, mas invoco duas observações em favor do meu exótico procedimento. Primeiramente, este exercício de interpretação não é dirigido ao interessado, mas a vocês, e não tenta tornar consciente o inconsciente do falecido com vistas a alguma mudança que poderia ocorrer nele, ao se apropriar desta parte de sua história que o determina à sua revelia; quer apenas ilustrar como se pode compreender o desejo numa perspectiva psicanalítica, apanhado como está nas malhas do discurso, dos sintomas e das fantasias. Em segundo lugar, o narrador conta a história de José Matias por assim dizer de dentro, descrevendo o que o personagem faz e sente como se estivesse em sua própria pele. E é graças a esta profusão de detalhes, no seu recorte e nas configurações que eles desenham ao se superpor uns aos outros, que se podem perceber certas constantes, certos vetores que transportam significações, e deste modo formular algumas hipóteses que nos permitem compreender a quais exigências internas obedece o funcionamento psíquico do indivíduo que assim procede, sente e pensa. Se quiserem ser clementes, considerem que estamos numa situação semelhante à de uma supervisão: aqui também há uma narrativa feita por alguém que não é o paciente, e, do que lhe é comunicado, o supervisor infere certas

¹⁰ “José Matias”, op. cit., pp. 1236-7.

possibilidades suscetíveis de descrever com alguma coerência a que condição está sujeito o funcionamento psíquico de um terceiro. A supervisão decerto não se limita a isso, mas tal não é o nosso tema. Deixemos assim os paralelos, sempre curtos, e reconhecamos francamente que aqui nos entregamos a um exercício de psicanálise “aplicada”, horror dos horrores!

Mas não é preciso corar. Nosso objetivo é simplesmente mostrar como opera o método psicanalítico, abstraindo dele o componente que vem para o primeiro plano num tratamento real – a análise da transferência – mas conservando seus princípios, e sobretudo seu modo peculiar de trabalhar com os elementos de um relato. Pois, se não estamos no consultório, não é grave deixar de lado um aspecto do método que, de qualquer modo, só poderia ser utilizado dentro dele... Essas justificativas me parecem oportunas, porque não é raro ouvirmos que “a psicanálise só pode ser praticada no enquadramento analítico”. Isto é verdadeiro se estivermos falando de um tratamento, e ainda assim o que seja precisamente esse enquadramento é tema de muita discussão. Mas mesmo na obra de Freud encontramos textos fundamentais para a compreensão do que é a psicanálise, e que não se referem diretamente à famosa “clínica”, embora se apoiem constantemente nos “resultados do trabalho analítico”. Basta lembrar a *Interpretação dos sonhos*, *Totem e tabu*, “Uma neurose demoníaca no século XVII”, “Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci” e outros textos, sem esquecer o artigo sobre os tipos de caráter do qual mencionei algumas linhas. De sorte que, se não nos propomos a obter resultados terapêuticos que de todo modo seriam inúteis para o falecido, nem é nosso alvo sondar os complexos de Eça de Queirós, mas queremos apenas utilizar os conceitos da teoria psicanalítica para elucidar a dinâmica de um indivíduo singular, podemos deixar os puristas esbravejarem sozinhos e nos dedicar sem culpas ao nosso jogo de armar.

OS SINTOMAS

Eu dizia que a passagem citada atrás contém para o psicanalista algumas indicações preciosas, e que o narrador descurara um dado importantíssimo ao supor que fosse o desejo de José Matias casar-se com Elisa. Na verdade, ao formular sua hipótese o narrador despreza quase tudo o que nos diz nesse trecho, e por esse motivo podemos considerá-la totalmente equivocada, mesmo antes de saber

que o moço vai recusar a mão da bela viúva. Pois ele nos fala de “enlevo”, do “encanto sobre-humano” que José Matias gozou “nesse amor transcendentemente desmaterializado”. Será esta uma ilusão do narrador? Não: em outras passagens do conto, o estado de José Matias durante os dez primeiros anos é qualificado de “felicidade serena”, cuja unidade perfeita é comparável à de um “cristal que por todos os lados rebrilha”. De modo que as considerações sobre os “frágeis corpos” e sobre o “terrível e mórbido renunciamento” são perfeitamente descabidas, podendo ser atribuídas sem medo à fantasia do narrador (à sua contratransferência?). O mesmo vale para a teoria de que “faltou-lhes decerto uma hora de segurança ou uma portinha no muro para se perderem”: nada indica que Elisa e José Matias estivessem à procura de um tal desvão... Tampouco se sustenta a oposição entre vontade e desejo, que supõe ser o desejo o de união carnal, e a vontade uma faculdade de deliberação que oporia um freio a tal desejo, tido por condenável ou por inconveniente. Nem o ego de José Matias lhe impõe considerações extraídas do “princípio de realidade”, nem seu superego veta a satisfação libidinal que estaria supostamente ávido por obter. Ao contrário, tudo indica que o desejo de José Matias – qualquer que fosse – permaneceu absolutamente *gratificado* ao longo destes dez anos, que ele viveu em estado de graça precisamente porque as circunstâncias reais em nada lhe foram desfavoráveis, sendo mesmo correto considerá-las “conformes ao ego”, para usar a expressão de Freud.

Mas isso só nos coloca mais problemas. Pois que desejo é esse, que se satisfaz de maneira tão esdrúxula? Podemos suspeitar que se trata de um desejo inconsciente, embora obviamente nada dele seja explicitado na narrativa. É aqui que se mostram preciosas as indicações que o narrador deixa escapar na passagem que mencionei. Em primeiro lugar, o herói escancara as vidraças da janela e se entrega, absorto, à adoração sublime de uma “branca mulher calçando as luvas claras”, adoração comparada à de um monge que não ousa tocar a Virgem nem mesmo com os dedos embrulhados no rosário. A segunda indicação importante está no fim do trecho, quando nos é dito que José Matias caminhou por dez anos “dentro de seu sonho radiante, sonho em que Elisa habitou realmente sua alma, numa fusão tão absoluta que se tornou consubstancial com o seu ser”. Maneira de dizer que o herói incorporou o objeto do seu amor, colocando-o para dentro de si. A incorporação é um mecanismo que a psicanálise situa nas fases mais arcaicas da vida psíquica, na fase ou na forma de se relacionar com o objeto qualificada como “oral”. E essa ideia soará menos arbitrária se recordarmos que, em consequência

desta fusão, José Matias larga o charuto, sob a racionalização de que o fumo perturbava Elisa. Pois, se estava longe dela, para que abster-se do tabaco? É que, justamente, *não estava longe dela*; havia incorporado ou introjetado sua imagem, e assim não apenas ela estava ali, no cavalo, com ele ou dentro dele, mas ainda se tornava desnecessário o recurso a outro objeto oral para efetuar a introjeção: de onde a renúncia sem problemas ao dito charuto.

Mas, durante estes dez anos, José Matias não permaneceu inativo. O narrador nos informa de que “criou modos novos, estranhos, derivados da alucinação”. Por exemplo, passa a ceiar sempre no Café Central, com a mesa profusamente iluminada e juncada de flores; redecora seu quarto, mandando forrá-lo de seda clara e retirar umas gravuras clássicas de “sátiros ousados e ninfas rendidas”. Instala para Elisa, que jamais vai à ópera, um camarote em que figura com destaque uma poltrona branca de cetim. E por aí vai, gastando a rodo, desbaratando com o amor de uma mulher “a quem nunca dera uma flor” a quantia polpuda de sessenta contos de réis. De modo que esse homem, tão comedido na época dos seus estudos, vai passando por uma série de modificações no seu modo de agir, modificações que o narrador relaciona ao sonho da “presença real da divina Elisa no seu ser”.

Notem que tais modificações não são aleatórias: parece necessário que haja sempre muita luz, muita claridade, em situações tão diversas quanto as da “branca mulher calçando luvas claras”, o camarote, o quarto e a mesa da ceia. A retirada das gravuras indica que para ele se tornara repulsiva até mesmo a representação convencional do sexo, banalizada nas imagens dos faunos e das ninfas. Podemos assim supor com razoável probabilidade que não há só castidade e espiritualismo no quadro psíquico do personagem, mas um conflito que conduz a uma inibição da sexualidade genital, e que esta inibição vai se agravando com o correr dos anos. Também parece razoável sugerir que tal inibição poupa precisamente o ato de ver, e mesmo que o *reforça*, como se a intensidade sexual refluísse quase toda para uma configuração em que prevalece a pulsão visual. E neste caso poderíamos deixar de nos surpreender com a modalidade de realização de desejo que José Matias repete incansavelmente durante dez anos, a *contemplação a distância* de uma mulher que pertence a outro homem, contemplação que se torna possível, na forma específica que assume (a “adoração hirta”), graças a uma fusão, ou, como diríamos, a uma introjeção desse objeto, que no entanto não atinge as proporções de uma identificação completa: José Matias não se torna “feminino” por causa dela.

Não estamos, certamente, diante de um comportamento que possa ser qualificado de doentio, mas também não é o que seria esperável de um adulto jovem. Digamos que tal constelação parece refletir uma infantilização do personagem, uma regressão a modos de funcionamento mais precoces. Mas, para sustentar esta hipótese, seria necessário sabermos algo da infância dele, ou pelo menos construir uma ideia plausível acerca das vivências ou dos processos que teriam canalizado sua libido para estes “caminhos” e esses “fins”.

Aqui, Eça foi cruel com o psicanalista: há muito poucos indícios para nos orientar nessa direção. Tentemos, mesmo assim, agrupá-los e ver o que é possível extrair deles.

Dos pais de José Matias, sabe-se apenas que morreram quando estudava em Coimbra, primeiro o pai, depois a mãe, “delicada e linda senhora” que lhe deixa de herança cinquenta contos. Não se fala de irmãos, e parece certo de que não existiram, já que a mãe lhe deixa o que deve ter sido toda a fortuna do pai. Tampouco soa como ironia do narrador a caracterização da mãe como “linda e delicada”, o que é útil, posto que Elisa será descrita como belíssima, como a sublime beleza romântica da Lisboa de então: “alta, esbelta, ondulante, cabelos negros, lustrosos e ricos, uma carnação de camélia muito fresca, olhos negros, líquidos...”. Até o filósofo, laborioso anotador de Hegel, lhe rimou um soneto da primeira vez que a avistou! Além disso o termo *delicado* é usado pelo narrador para adjetivar o “gozo delicado” da moça com a adoração monástica que lhe votava José Matias. Se somarmos a isso a referência à Virgem, mãe de Deus, tais indícios apontam no sentido de que algo desta mãe é reencontrado, após a morte dela, no aspecto físico e no temperamento de Elisa: eis aí algo que, se puder ser apoiado por outros indícios, nos daria uma pista sobre a relação infantil do herói com a sua mãe.

Do pai, Albuquerque, só sabemos o nome; mas há diversas informações sobre o tio, o visconde de Garmilde, general “sempre de bigodes terrificamente encurados, as calças flor de alicrim desesperadamente esticadas pelas presilhas sobre as botas coruscantes, o chicote debaixo do braço como a tremer, ávido de vergastar o mundo”. Coisas do aprumo militar, dirão vocês; mas não é curioso que José Matias seja descrito pelo narrador como uma versão atenuada do tio Garmilde, nos detalhes do vestir e da personalidade, como se esse tio fosse um forte modelo identificatório? Desde a primeira página, o traço mais saliente do rapaz é “sua elegância sóbria e fina”: “nunca uma poeira estouvada nos *sapatos*”, “nunca um pelo rebelde do cabelo ou do *bigode* daquele *rígido alinho* que tanto nos desolava”.

Matias é um destro cavaleiro, e o tio, general da cavalaria (o chicote); e, num outro momento do conto, o herói sai a cavalo (já sabemos que passeia assim pelos arredores de Lisboa), desta vez com um “imenso chicote”, conduzindo uma caravana de prostitutas para saudar o nascer do sol.

Para o psicanalista, esses detalhes sugerem duas ideias: alguma identificação do menino com o tio, e um temperamento rígido, beirando o excesso. José Matias nunca se altera, não se comove com a Polônia nem com Garibaldi (símbolos da luta contra a opressão e a autoridade), é suave, cordial e mansamente risonho. Não é escandaloso ser assim: mas, somados ao apuro exagerado no vestir, estes atributos sugerem um caráter com traços obsessivos, de onde a hipótese de que tal caráter tenha algo a ver com a repressão de intensos impulsos agressivos de origem anal. O quê, dirão vocês, isto é demais! Podem sorrir, se quiserem; a correlação entre o caráter obsessivo e o erotismo anal foi estabelecida por Freud em 1908, e vem sendo regularmente comprovada pela psicanálise há oitenta anos. A ideia é simples: existem no ser humano tendências ligadas à pulsão agressiva e à dominação; o protótipo do domínio sobre um objeto é o controle que cada um de nós aprendeu a exercer sobre seu intestino. A *formação reativa* consiste na inversão dessas tendências no nível manifesto, para melhor desembaraçar-se delas. No entanto, elas permanecem ativas no inconsciente; assim, o asseio, a meticulosidade e uma relação complicada com o dinheiro – que pode ser mais tingida de avareza ou de prodigalidade, o importante sendo o caráter compulsivo destes traços – correspondem a tendências e fantasias de conteúdo oposto, frente às quais a consciência manifesta extrema repugnância. A intensidade das defesas é assim proporcional à intensidade dos fatores inconscientes que elas precisam bloquear. A agressividade reprimida poderia ser, por essa peculiar lógica das compensações, a verdadeira fonte daquela “superficialidade sentimental” a que o narrador atribuía os hábitos exageradamente comedidos, e a serenidade beirando a indiferença, que tanto chamavam a atenção dos seus colegas em Coimbra. Mas tal conflito, se existir, não poderia deixar de produzir sequelas: e estas vão aparecer na *indecisão* de que dá mostras José Matias, primeiro na descrição do narrador – “boca indecisa de contemplativo” – e depois na dúvida angustiada à qual sucumbe no Porto, enquanto espera passar o luto de Elisa: “que hei de fazer? que hei de fazer?”, repete ele, incapaz de deliberar quanto ao seu futuro.

Eis aqui, portanto, um homem jovem sobre cuja história pulsional podemos levantar algumas conjecturas convergentes. Filho único de um pai rico e de uma

mãe linda e delicada, parece ter sido submetido a uma dose incomum de repressão na época em que as tendências anal-sádicas estavam em maior atividade. Como isto ocorreu é impossível dizer; mas não é absurdo supor que algum conflito intenso se deu nessa época, criando condições para a identificação com o tio militar, talvez como forma de derivar essa agressividade para uma finalidade menos perigosa, mas certamente deixando marcas no caráter da criança e nos sintomas relativamente benignos da época de estudante (final da adolescência).

A inibição da agressividade vai de par com uma inibição da virilidade; isso é repetidamente acentuado pelo narrador, através do detalhe pitoresco dos pelos atribuídos aos personagens masculinos. José Matias é louro e seu bigode é crespo; o tio tem bigodes terrivelmente encerados, o conselheiro Matos Miranda suíças grisalhas, o segundo marido de Elisa fartos bigodes negros associados repetidamente à saúde e ao vigor sexual, e o amante do fim ostenta uma bela barba escura num rosto “sólido e branco”. É inegável a ênfase na pilosidade dos machos, e o seu espectro vai justamente dos pelos louros e moles de José Matias (ele deixa crescer a barba ao fim da vida: “barba rala, indecisa, mole, suja...”), passando pelas suíças grisalhas do marido e pelos bigodes encerados do general, rumo à barba escura do amante, para atingir o clímax na grossa bigodeira preta do Torres Nogueira, “que apetecia mais à carne de Elisa do que o buço louro e pensativo de José Matias”. Nessa escala, José Matias se encontra indubitavelmente no extremo menos másculo. Não é fora de propósito, assim, discernir através dos termos empregados pelo narrador uma forte inibição da sexualidade genital. Se não for muito ousado aproximar essa peculiaridade da figura “linda e delicada” da mãe, será lícito concluir que em José Matias podemos vislumbrar uma tendência homossexual inibida quanto ao fim, porém suficientemente intensa para impedir-lhe qualquer contato físico com o sexo oposto. Esta hipótese soará menos esdrúxula se nos lembrarmos de que, mortos os pais e financeiramente independente, o que faz é ir morar com o velho tio Garmilde (solteiro? viúvo? não sabemos, mas em todo caso sem filhos, já que o rapaz herda dele mais cinquenta ou sessenta contos)... Quase imediatamente, apaixona-se platonicamente pela mulher do vizinho, e vive dez anos em estado de graça, num amor sem dúvida nobre e casto, mas do qual está com certeza excluída qualquer satisfação física.

Ora, dirão vocês: agora é o psicanalista quem argumenta de modo preconceituoso, exigindo do pobre Matias que tivesse tido um caso com a Elisa Miranda! Não é o que se censurava na psicologia rombuda do narrador? Sinto decepcioná-los, mas

não é o mesmo. Pois, se o que lhes propus tem alguma possibilidade de corresponder à dinâmica pulsional do personagem, devemos concluir, contrariamente ao narrador, que não é em absoluto casual que ele tenha escolhido como objeto de paixão a bela mulher de um homem idoso, e que durante estes famosos dez anos o tenha respeitado carinhosa e escrupulosamente. Para o narrador, “aquele digno diabético, tão grave, sempre de cachênê de lã escura, com suas suíças grisalhas e seus ponderosos óculos de ouro, não sugeria ideias inquietadoras de marido ardente, cujo ardor, fatalmente e involuntariamente, se partilha e abraça”. Mas ele interpreta a atitude respeitosa do jovem para com o velho no sentido de um “magnânimo desdém pela presença corporal do Miranda no templo onde habitava sua deusa”; essa interpretação não convence, e não convence por dois motivos. Primeiro, o “digno diabético” podia não ser um marido ardente, mas nas fantasias de José Matias o que ele faz com Elisa é exatamente o mesmo ato a que se dedica incessantemente, isto é, *olhar para ela*: “o velhote podia *contemplar* Elisa desapertando as fitas da saia branca”. Há, portanto, a ideia de uma relação sexual, porém – como seria de esperar – conforme ao modelo do que é para Matias uma relação sexual, aquela mesma que lhe dá tanto prazer: olhar um corpo branco, uma saia branca, uma poltrona branca. Segundo, quando morre este venerável cidadão, a reação do herói nada tem de magnânimo nem de desdenhoso, sendo comparada ao contrário a “um terremoto de incomparável espanto”. José Matias entra em pânico, seu olhar é descrito como inquieto, ansioso, aterrorizado, e decide incontinenti viajar para o Porto, a pretexto de que era mais “delicado” passar longe da viúva os meses de luto fechado. O pretexto é isso mesmo, um pretexto; estamos diante de uma reação catastrófica, de pavor frente a algo que parece ter sido desencadeado pelo falecimento do marido de Elisa. E o próprio narrador é quem nos diz do que se trata: visitando o amigo na volta do enterro do conselheiro, surpreende-o a mirar fixamente as janelas fecha das da casa onde agora habita uma Elisa livre; e o que Matias vê à sua frente não é mais uma casa, é “a jaula mal segura onde se agita uma leoa”. Esse detalhe me parece ser a chave para compreender toda uma série de aspectos da singular conduta de José Matias.

AS IDENTIFICAÇÕES

Pois a morte do bom Miranda tem para ele o sentido de um verdadeiro trauma. Tudo muda em sua vida a partir desse instante; após a viagem ao Porto,

ele já não será o mesmo; nem sombra da “felicidade serena” para mitigar sua agitação. É como se o afastamento do velho reativasse algum obscuro temor infantil, que até então havia podido ser neutralizado ou contido pela presença dele. E a frase do narrador nos permite vislumbrar qual pode ter sido este temor: na jaula em frente, a leoa que se agita não é outra senão a viúva. O pavor de José Matias, se tomarmos ao pé da letra a imagem da leoa, parece ser que esta o vá devorar, assim como devorou o marido. Metaforicamente, a “fome de leoa” parece estar associada à sensualidade transbordante da viúva; mas não creio que esta seja a melhor hipótese. Nada, no comportamento anterior da moça, justifica a ideia de que agora fosse saltar sobre o vizinho em busca de satisfação sexual! Penso que a imagem da leoa ganha em ser lida literalmente, e que alude ao *risco de ser devorado pela mãe*, se consentirmos em ver na figura de Elisa um substituto disfarçado da imago materna.

Existe algum elemento da história que possa vir em apoio dessa hipótese? Partamos da fantasia atribuída pelo narrador a José Matias, segundo a qual “Miranda podia ver Elisa desapertando as fitas da saia branca”. Vimos que isso significa uma versão arcaica da relação sexual, daquilo que ocorre entre um casal na intimidade. A predominância dessa ideia inconsciente em variados contextos da vida e da maneira de amar de José Matias sugere que se trata de uma teoria sexual infantil, da teoria que teria organizado o universo de desejo do menino que o personagem foi: quando um casal está junto, o homem olha para a mulher e esta lhe retribui o olhar. Ver é aqui, se me permitem a expressão, “comer com os olhos”, no sentido figurado, mas também no sentido literal: ver é igual a ter relações, e ter relações é igual a comer. Daí que passe o tempo a “*cravar os olhos*, e a alma, e o ser todo” na carnadura fresca e nos olhos negros da bela Elisa. Mas a morte do marido produz nele tamanho abalo, que somos levados a nos perguntar: quem come quem neste cenário inconsciente? À primeira vista (!), come quem olha fixamente, e a adoração de Matias por Elisa realiza de modo disfarçado a fantasia de estar com ela à maneira oral, de “pô-la para dentro”, de “comê-la”. Mas atenção: surge a imagem da leoa, e simultaneamente o jovem, presa de um pânico incontrollável, toma o primeiro trem para longe da jaula que mal a segura. Agora é ele quem corre o risco de ser “comido”, e assim se justifica a fantasia que lhe atribuí há pouco: o marido não morreu de pneumonia coisíssima nenhuma, foi é devorado pela leoa insaciável que se oculta atrás das janelas da casa vizinha. Parece ter ocorrido assim uma significativa alteração nesta

sinonímia inconsciente, ver = comer = ter relação sexual: de sujeito da cena, Matias passa a se imaginar objeto comível/visível, o que explica por que precisa sair precisamente do raio visual da viúva (= viajar para outra cidade). O que gostaria de examinar agora é a qual origem podemos atribuir essa súbita transformação; eu a veria numa identificação precoce do menino com a mãe. Mas vamos por partes, a fim de verificar se essa ideia é plausível ou se precisaremos descartá-la.

Que a forma privilegiada de satisfação pulsional de José Matias é olhar fixamente para uma mulher que não lhe pertence me parece suficientemente demonstrado. O que é novo, se meu argumento estiver correto, é que essa modalidade de satisfação *condensa diversos elementos de sua sexualidade infantil*. José Matias é filho único de uma “senhora linda e delicada”, que em nada se assemelha a uma leoa; mas isso não constitui obstáculo, já que deduzimos de suas incisivas defesas caracteriais uma forte combinação de tendências agressivas. A imagem da leoa pode ter se formado pela projeção dessa agressividade na mãe, sob um modo predominantemente oral, e isso nos dois aspectos que segundo Freud e mais especialmente segundo Karl Abraham caracterizam as finalidades sexuais orais: sugar e morder. Não parece muito arriscado supor, nesse menino, uma fixação oral intensa e duradoura, se atentarmos para a proliferação de sintomas “orais” que ressaltam do seu comportamento: além de investir quase exclusivamente a mulher “vista”, ele *fuma* desbragadamente, lê com *voracidade*, morre de *bebedeira*, necessita sempre muita luz ao *comer*, manda retirar da parede *gravuras* que representam sátiros e ninfas se divertindo... O olhar “cravado”, “penetrante”, representa uma condensação das duas finalidades orais: por um lado, equivale à sucção desenfreada, e por outro visa assegurar-se de que essa sucção não matou o objeto, que o seio continua existindo (postado na janela, no caso do adulto voyeurista). Trata-se, portanto, de um ato que simultaneamente satisfaz a pulsão libidinal e alivia a angústia produzida pela modalidade específica dessa satisfação: a de que o objeto esvaziado, maltratado, mordido e despedaçado se volte contra o agressor para persegui-lo de dentro – pois, se o objeto está “fora” e “vivo”, isso significa que não está “dentro” nem “morto”. Mas esta eventualidade pode ocorrer – de onde a necessidade de reiterar seguidamente o mesmo ato e assim dar início, sempre de novo, ao mesmo ciclo. Olhar fixamente significa, portanto, “eu sou a leoa” e “ela é a leoa”, conformemente à ausência de contradição que vigora no inconsciente.

Mas por que “eu sou a leoa” e não “eu sou o leão”? De onde poderia provir tal fantasia identificatória? Talvez José Matias tenha sido longamente amamentado pela mãe, que nesse caso teria gratificado abundantemente o desejo oral do seu filho, contribuindo para fixá-lo nesta modalidade de satisfação. Ou talvez, ao contrário, a “delicada” senhora não tivesse muito leite, e por esta ou aquela circunstância a criança tenha sofrido frustrações importantes em seus primeiros meses de vida. Em ambos os casos – privação excessiva ou gratificação excessiva – o que é importante é o fator “excessivo”, já que ambas poderiam produzir o mesmo efeito, a saber uma fixação oral de grande intensidade. Isso deixando de lado, para simplificar, a contribuição da própria criança para essa situação, sob a forma de fantasias que elaborariam essa circunstância real e deixariam bastante longe qualquer conformidade com aquilo que a crônica familiar poderia ter guardado quanto aos acontecimentos daqueles tempos distantes. Não se trata evidentemente de pesquisar documentos de arquivo, mas de tentar construir um modelo cujo funcionamento possa dar conta da singularidade do comportamento observável, através de mecanismos que obedeçam à lógica geral do funcionamento psíquico.

Neste sentido, a fixação oral da qual estou fazendo tanto caso representa uma condição de possibilidade para exercer efeitos a distância, suficientemente disfarçados e conforme às exigências de uma personalidade adulta, efeitos que eu discerniria precisamente nos sintomas que enumerei. Tal fixação teria sido acompanhada, no registro narcísico, pela introjeção de uma figura materna ameaçadora, com os traços de uma “leoa mal segura na jaula”: como isso é possível? Se pensarmos na agressividade reprimida do menino, que pudemos estabelecer com razoável grau de probabilidade, podemos inferir que esta agressividade não é indiferente à constituição de uma figura materna dessa espécie. Teriam existido, neste caso, fantasias oral-sádicas importantes, centradas talvez na devoração, e que posteriormente, quando a criança aprendeu a distinguir os animais, poderiam ter se concentrado na figura da leoa como seu emblema ou seu significante. Em todo caso, parece que existe uma representação inconsciente apta a ser simbolizada por esse animal. Aterrorizada pela imagem fantasmática de uma mãe devoradora, a criança não poderia nem tomá-la como objeto nem ser para ela um objeto, já que manter com tal representação relações no plano do objeto equivale a ser devorado por ela.

Em vez disso, suponho que José Matias tenha regredido da escolha de objeto à identificação, e se identificado com essa mãe, porém de modo muito peculiar:

não se torna sexualmente feminino, não é um homossexual, mas essa homossexualidade permanece latente, encoberta pela modalidade de satisfação pulsional que toma como caminho o “olhar fixamente”. É como se nele algo se opusesse à identificação completa com a mãe imaginada; deste conflito entre “ser como a mãe” e “ser como o pai” – da resolução, portanto, do seu complexo de Édipo – vai resultar uma marcada inibição sexual. Ele nem se afasta das mulheres, nem se aproxima delas, mas mantém um equilíbrio através do olhar fixo nelas cravado. Essa inibição sexual é correlativa da inibição da agressividade, deixando traços no seu caráter “indeciso” e “contemplativo”, o que quer dizer, ao pé da letra, imóvel (= paralisado entre duas tendências antagônicas, ou entre tendências e defesas simétricas em localização e intensidade) e... que gosta de olhar. A agressividade infantil de origem oral e anal vai ser assim neutralizada por defesas caracteriais que se expressam por “superficialidade sentimental” e “inabalável quietação”, pela ausência de paixão pelas causas que mobilizam a juventude do seu tempo em lutas contra o opressor, pela “indecisão” e por outros aspectos do seu temperamento que parecem aqui encontrar um ponto de origem comum. Paralelamente, a inibição da sexualidade genital parece provir de uma regressão bastante estável a formas atenuadas da sexualidade pré-genital, que confluíam para o investimento da visualidade nas modalidades que já conhecemos.

Qual poderia ser o fator que freou a identificação integral com a mãe, que, se se tivesse completado, provocaria a escolha de um objeto homossexual, isto é, o pai? Aqui, obviamente, estamos no terreno das conjecturas, e o único critério para avaliar sua plausibilidade é a congruência ou não com os elementos de que já dispomos. Se o menino passou por algum conflito do tipo que procurei circunscrever, parece lógico supor que tal conflito não tenha envolvido apenas a figura da mãe, mas também a do pai. Esse conflito precisaria responder a certas condições: pois da solução dada a ele resultou algo que impediu a identificação completa com a mãe, isto é, que de algum modo deu ao menino condições de atravessar o complexo de castração. Precisaríamos supor um acontecimento ou uma sucessão de acontecimentos capazes de serem “metabolizados” pela fantasia como significando que “ser como a mãe” é perigoso, mas “ser como o pai” também o é, embora menos. Isso teria o efeito de bloquear a via regressiva que o conduziria à posição feminina, mas sem ter força suficiente para impelir o menino rumo à identificação com o pai, e assim à predominância da virilidade no plano sexual. Ou seja: algo na posição feminina parece ter sido

suficientemente temível para provocar repulsa e favorecer uma identificação parcial com o pai. Que essa identificação masculina existe é indubitável, não só porque o personagem se interessa por Elisa, mas ainda porque, como vimos, copia traços do tio familiar – a elegância, o bigode, a meticulosidade, o interesse pelos cavalos, etc. É como se a tendência a se identificar com o pai tivesse sido bloqueada pela tendência passiva a se identificar com a mãe, disso resultando uma espécie de inércia nesse setor e a derivação do modelo identificatório para o tio, provavelmente disponível já na infância.

Tentemos imaginar mais claramente as etapas dessa evolução. O momento mais precoce a que podemos recuar e o do canibalismo infantil, que teria sido acentuado por uma dose incomum de frustrações orais, quer por experiências de privação, quer por alguma sensação de insuficiência e de angústia vinculada a essa esfera. Em sua forma seguinte, ligada às pulsões anais, essa agressividade teria suscitado conflitos que culminaram na sua inibição mediante o estabelecimento de defesas no nível do caráter, e no retrocesso a uma forma oral de destruição do objeto, valendo-se da ambiguidade inerente à introjeção: o objeto incorporado é simultaneamente destruído e conservado no interior daquele que o destrói.

A formação de compromisso que resultou dessas operações – o investimento exclusivo na pulsão de ver – é de ordem tão monolítica, que sugere a concorrência de vários fatores para esse desfecho: às tendências orais e anais que mencionei teriam assim se agregado outras, provenientes da fase fálica. Podemos imaginar esse menino curioso por saber a respeito das coisas sexuais, procurando “ver claro” nesses portentosos enigmas, e talvez procurando também ver diretamente os órgãos sexuais de alguma menina ou mulher. Tal interesse sexual direto poderia ter sido coibido por uma ameaça de castração, de acordo com o esquema clássico; ele refluiria assim para uma satisfação “neutra” ou inofensiva, a de ver a distância. Esse aspecto de distância parece ter sido importante, já que a “superficialidade sentimental” é outro nome da distância emocional. A ameaça de castração teria assim tido efeitos catastróficos, apresentando talvez o pai como uma figura ameaçadora e com quem a identificação não teria sido possível de modo satisfatório; por outro lado, a tendência à identificação com a mãe teria sido satisfeita pela formação do desejo de “olhar penetrantemente” (= comer com os olhos); em todo caso, esta também não se cumpre completamente. É como se o menino tivesse pensado algo assim: “se ser como minha mãe significa ser castrado/devorado pelo pai, então é melhor não ser igual a ela”. Mas o caminho da

escolha heterossexual de objeto não pôde ser seguido até o fim, em função da pregnância da imago materna, simultaneamente cobiçada e temida (a leoa aterrorizadora/a senhora “linda e delicada”). De modo que, dilacerado entre essas possibilidades, o menino não pôde decidir-se por nenhuma delas e acabou por reprimir qualquer interesse físico, quer por homens, quer por mulheres. Desta conturbada história, teriam resultado tanto as inibições afetivas assinaladas pelo narrador quanto à inibição sexual que procurei delimitar.

Tudo isso pertence, como é óbvio, ao reino das hipóteses. Mas não custa verificar se essas hipóteses nos auxiliam a compreender o que se passa na vida desse homem. Suponhamos que sua história pulsional tenha sido mais ou menos parecida com nossa reconstituição; o que se seguiria disso? Nosso José Matias vai para Coimbra, forma-se e não exerce a profissão em que se diplomou. Mortos os pais, sem perspectivas de casamento, financeiramente seguro pela herança que recebeu, talvez tenha se perguntado o que fazer da sua vida. O convite do visconde para ir morar com ele vem a calhar, e, se algum problema se havia colocado quanto à relação com as mulheres, este é instantaneamente resolvido quando divisa a vizinha na janela. Existem aqui dois aspectos: a predisposição de José Matias e as características específicas dessa mulher, que a tornam apta a ser investida como objeto por alguém com esta disposição. Começemos pela segunda vertente: Elisa é linda como a mãe, e sobretudo *já é de outro homem*, isto é, satisfaz uma condição fundamental do regime de desejo próprio a José Matias – a de poder se compor com a inibição sexual que o singulariza. Na cena da realidade aparece assim um objeto conforme às especificações do roteiro inconsciente, simultaneamente próximo dos traços mais tranquilizadores da mãe e distante dos seus aspectos mais ameaçadores, que pode ser *vista* sem risco de punição pelo pai, exatamente porque é inacessível enquanto estiver casada com outro. José Matias não poderia ter tido mais sorte! O que o narrador interpreta como “magnânimo desdém” pelo marido diabético é na verdade a condição de realização do desejo inconsciente – poder fartar-se de observar uma mulher, mantendo-a na distância exata para ser apetecível sem se tornar perigosa.

Mas esse exercício constante do desejo não deixa de ser arriscado: a frequência com que ele é gratificado e a intensidade mesma desta gratificação fazem ressurgir em surdina ecos dos antigos conflitos edipianos, centrando-os agora no que convém chamar de “retorno do reprimido”. E surgem então os “modos estranhos” em José Matias, sintomas ainda leves que sugerem a reativação gradativa do

conflito infantil: são as ceias profusamente iluminadas, a redecoreação do quarto, a retirada das gravuras que representam demasiado obviamente o que é a satisfação erótica genital, a poltrona branca no camarote da ópera, os gastos desmedidos... Esses atos e práticas não são todos equivalentes entre si. Creio que devemos atribuir importância central ao detalhe da luz e à significação do branco, que retornam insistentemente ao longo do conto todo. Eles parecem ligados a alguma condição do desejo infantil reprimido, associando-se à pregnância do olhar como modo de satisfação pulsional. O fato é que, saciado amplamente o desejo oral, José Matias não precisa mais do charuto, e deixa o hábito de fumar. Mas a relação de luz/claridade com seu desejo reaparece num vínculo deslocado: é a ceia, o ato de comer, que passa a incluir/exigir esta condição, num jogo sobredeterminado com a satisfação sexual e com as possibilidades reais oferecidas a um rapaz do seu nível social.

E isso dura dez anos! Dez anos de um “gozo sobre-humano”, de uma adoração de monge... *Ad-oração*, observaria o psicanalista matreiro, provém de *os-oris*, o termo latino para “boca”. A adoração é, portanto, a forma em que se condensam os desejos orais e sua realização visual. Tudo isso garantido pela inacessibilidade de Elisa, casada com o bom Matos Miranda; de forma que não é de admirar que o falecimento desse honrado cavalheiro tenha tido para José Matias o efeito de um “terremoto de incomparável espanto”. O narrador está a léguas de compreender isto, ele que, voltando do enterro de Miranda, se detém na casa do visconde para levar ao amigo a “força moderadora da filosofia”. Moderadora, sabe-se lá, do suposto desejo do Matias pela viúva! De onde sua perplexidade frente à reação deste último: agitado, aterrorizado, ele não desprega os olhos da janela fechada do vizinho, presa da mais terrível ansiedade. Por quê? Nossa hipótese sugere uma resposta: porque acaba de desaparecer a condição que possibilitava a realização impune do desejo inconsciente. Elisa não é mais, agora, inacessível: é como se a antiga imago da mãe devoradora tornasse a revestir-se de vida e de eficácia. O trauma teria neste caso provocado uma regressão às fantasias orais arcaicas, estas mesmas que, durante o período precedente, haviam podido ser controladas e elaboradas em diferentes conexões, produzindo os traços de caráter e as modalidades de satisfação pulsional que já conhecemos.

O fato é que José Matias passa fora de Lisboa os meses do luto, presa de uma dúvida atroz: “que hei de fazer?, que hei de fazer?”. Esta dúvida é acompanhada por um recrudescimento da libido oral: no hotel, o rapaz passa os dias “lendo

muito”, bebendo cerveja gelada, fumando até a hora de se vestir para “ir jantar na Foz”. Também se recusa a ver Elisa, que, apaixonada, o assedia com cartas e visitas. Essas atitudes sugerem que está em atividade um violento conflito, que o psicanalista identificaria como de natureza pulsional: a angústia suscitada pelo desejo sexual é tão intensa que desemboca numa espécie de fobia, o objeto de amor tendo se convertido em objeto de temor. Mas aqui se trata de uma fobia larvar, inibida, que não chega a se constituir plenamente: pois não há aparição de um objeto substitutivo, como o cavalo do pequeno Hans. O que põe fim aos tormentos do herói é um fato da realidade exterior: Elisa cede aos rogos do senhor Torres Nogueira e acaba por se casar com ele. E o que faz o Matias? Retoma à casa do tio, que entrementes falecera, e recomeça o namoro a distância com aquela mesma moça que, quando estivera disponível, tanto o assustava!

O TRAUMA: REGRESSÃO E NOVO COMPROMISSO

Mas se acabaram os dias da “serena felicidade”. Torres Nogueira não é um velho diabético, mas um homem vigoroso, cuja vitalidade sexual se expressa nos vastos “bigodes negros”. E esses bigodes são um espinho na carne do contemplativo Matias, que se consome em ciúmes e em fantasias sobre o que se passa no “leito excelente de Elisa”. É para sacudir a pungência desses tormentos que ele dá início a uma série de extravagâncias, que por um ano vão escandalizar os lisboetas. Uma delas é mencionada com incredulidade pelo narrador: “uma ceia oferecida a trinta ou quarenta mulheres das mais torpes e sujas, apanhadas pelas negras vielas do Bairro Alto e da Mouraria, que depois mandou montar em burros, e gravemente, melancolicamente, posto na frente, sobre um grande cavalo branco, com um imenso chicote, conduziu aos altos da Graça para saudar a aparição do Sol!”.

Este ato sintomático parece condensar toda uma gama de fantasias, realizadas simultaneamente e de modo disfarçado, mas cuja pressão parece ter chegado a um ponto intolerável, posto que obriga o personagem ao que chamamos *acting out* ou passagem ao ato. As prostitutas “torpes e sujas” representam a mulher degradada pela sexualidade, e ao que tudo indica são uma materialização da imagem denegrada de Elisa, que agora se empolgava com o seu brutamontes de bigodes negros. Sua nova vida sexual é imaginada, ao que parece, em termos de algo

“sujo”, tanto no sentido moral quanto no sentido fecal. Os detalhes da ceia e da “aparição do Sol” sugerem que, além desta significação “atual”, existe uma determinação mais arcaica para essa figura feminina: ela provavelmente lança raízes nas fantasias infantis acerca da mãe erotizada, que Freud estudou em seu artigo “Sobre a degradação mais comum da vida amorosa”. Tal degradação consiste na cisão do objeto sexual em duas partes, uma abertamente sensual, outra que acolhe toda a ternura do sujeito. Trata-se de homens que não podem, por impedimentos internos, realizar suas fantasias sexuais com as mulheres que amam; vão por isso em busca de outras, em geral de condição social inferior, que desejam, porém não amam. Tal parece ser o caso de José Matias no episódio das prostitutas, a quem faz cumprir as indicações do roteiro inconsciente ao qual estão fixadas as especificações do seu desejo; “comer” e “luz”. A famosa ceia significa assim um coito oral que se conclui pela estranha procissão matutina, na qual o rapaz, identificado com o tio militar (o chicote, o cavalo branco, a “gravidade”), as conduz até os altos da Graça. Na sua própria ritualização estilizada, esses gestos testemunham uma característica infantil, e exorcizam aquilo mesmo que simultaneamente realizam.

“Mas todo este alarido não lhe dissipou a dor, e foi então que, nesse inverno, começou a jogar e a beber!”.¹¹ O jogo e a bebida vêm assim cumprir uma função que não escapou ao arguto autor do *Ensaio sobre os fenômenos afetivos: são prazeres substitutivos*. Mas não são aleatórios, embora não sejam óbvios, à primeira vista, os motivos pelos quais um indivíduo que passa os dias “com os olhos e a alma cravados no terraço fatal” precise correr à noite para “jogar freneticamente” e “cear com jorros desesperados de conhaque e de champanha”. É à psicanalista

¹¹ “José Matias”, op. cit., p. 1243. A esse respeito, o narrador fala de “vida espicaçada pelas Fúrias”. “Fúrias” é o nome dado pelos romanos às Erínias, divindades gregas arcaicas que vingam os crimes de sangue, em especial do sangue dos pais derramado pelos filhos. Junito Brandão esclarece que eram, depois de Hesíodo, três as Erínias ou Fúrias: Alektó, “a que não para, a implacável”; Tisifone, “a que avalia o homicídio”; Megera, “a que inveja, a que tem aversão por” (*Mitologia grega*, Petrópolis, Vozes, 1986, vol. 1, p. 207). O mesmo diz Paul Harvey em seu *Dicionário Oxford de literatura clássica*, Rio de Janeiro, Zahar, 1987, p. 241. A alusão literária do narrador sugere que essa agitação do personagem não é indiferente à agressividade e ao ódio frente à figura da mãe, estudados por Conrad Stein em *As Erínias de uma mãe*, São Paulo, Escuta, 1988. Como essas extravagâncias sucedem também à morte do conselheiro e do visconde, talvez tenham algo a ver com os desejos de morte perante o pai e com o remorso inconsciente suscitado por sua aparente realização.

Piera Aulagnier que podemos recorrer aqui, a fim de elucidar a relação entre o jogo, a bebida e a situação psíquica do personagem cuja trajetória estamos acompanhando. Ela observa que o jogo, e a droga de modo geral, proporcionam um tipo de prazer do qual está excluído o corpo sexual do outro. No caso do jogo, diz Piera Aulagnier, “o Eu busca uma situação na qual goza do seu encontro com o acaso, um acaso anônimo e negado. [...] O jogador desloca sobre este fragmento minúsculo da realidade que é o pano verde (ou a bola que gira) sua impossibilidade de poder prever qual será seu destino, a resposta que encontrará seu próprio projeto identificatório. Esta paixão por aquilo que se denominam os “jogos de azar” manifesta o quão intolerável para o Eu é aceitar a dúvida, os limites daquilo que se pode conhecer ou prever do seu futuro ou suas vicissitudes [...].E, quer ele ganhe quer perca, ser-lhe-á necessário recomeçar de novo, para se reassegurar de que pode adivinhar antecipadamente a resposta”.¹²

Este é bem o caso de José Matias, para quem a morte de Miranda e a irrupção de Torres Nogueira foram demonstrações traumáticas de sua impossibilidade de controlar o destino. Uma definição adequada do trauma, a meu ver, não enfatizaria tanto a *violência* de um dado acontecimento, mas o *efeito* que ele pode ter sobre uma pessoa. Esse efeito é bem menos função da intensidade intrínseca do evento (se me permitem essa expressão) e muito mais função da maneira como o indivíduo o acolhe em si, num contexto plurideterminado em cujas malhas o evento vai adquirir uma série de significações. A morte do primeiro marido de Elisa e o casamento dela com o segundo são traumáticas para José Matias porque se inscrevem como abalos num dado equilíbrio psíquico, feito de sutis balanceamentos entre fantasias, defesas, angústias, traços de caráter e investimentos objetivos. Quando se rompe esse balanceamento, instaura-se a tensão e surgem as tentativas de restaurar o equilíbrio perdido: é isso que significa, em termos simples, o célebre “princípio do prazer”. No caso de José Matias, a brutalidade das soluções a que recorre prova que o conflito que elas devem aplacar é de enorme violência, justificando que falemos, mais do que em “tensão” ou em “desprazer”, num verdadeiro pânico interno. E esse pânico sobrevém na medida em que, como indica Aulagnier, o seu “projeto identificatório” se encontra gravemente ameaçado, ou seja, o conjunto de representações pelo qual ele se define como “eu”, como si próprio, está em crise.

¹² Piera Aulagnier, *Les destins du plaisir*, Paris, PUF, 1979, p. 178.

Esta é outra maneira de dizer o que afirmei algumas páginas atrás, ao falar da identificação dele com a mãe devoradora/leoa. É como se a solução dada ao conflito identificatório – ser a leoa, ser o leão ou ser a presa – tivesse sido desmanchada pelo trauma da morte do velho, repetida pela morte do tio visconde com quem se identificara. Essas mortes parecem representar a concretização de seus desejos de morte frente ao pai, desejos que, por inevitáveis que sejam na constelação edipiana, têm neste caso específico a significação de *deixar a mãe agir à solta*. Em outros termos, a morte do Miranda e em grau menor a do tio só constituem traumas porque intervêm num contexto específico que as significa assim – do mesmo modo que o cristal só se quebra se for atingido, mesmo que de leve, no ponto em que se cruzam suas linhas de cristalização. Frente a tamanha catástrofe psíquica, José Matias busca recompor seu equilíbrio com medidas proporcionais à intensidade do “terremoto” – e é por isso que seus atos agora são mais graves do que nos dez primeiros anos. O hábito de jogar é “escolhido” porque adequado para negar a vulnerabilidade que há pouco se impôs com tanta virulência: jogar significa aqui “não sou vítima do acaso, mas senhor dele; nada pode me acontecer”.

E essa fantasia onipotente implica na não-necessidade, justamente, do corpo do outro para obter o prazer sexual. É uma satisfação autoerótica; já notamos que José Matias cultiva o prazer solitário, no sentido de que lhe basta ver Elisa à distância, sem precisar – *et pour cause* – tocá-la. Seguindo a sugestão de Aulagnier, poderíamos dizer que esse prazer nunca é posto à prova, nunca corre o risco de ser desmentido ou intensificado pela realidade da ação do seu objeto, com as características e peculiaridades que esse objeto – a outra pessoa – poderia apresentar. É que o objeto aqui é um objeto interno, projetado sobre um suporte externo (Elisa). A clivagem entre ambos, que é o regime específico do objeto no caso individual de José Matias, faz com que ele se imagine como senhor absoluto desse objeto interno, para fugir ao confronto com a possibilidade de privação e de dor inerentes ao contato real com o objeto “externo”. Por isso, o prazer “depende aqui exclusivamente da atividade psíquica do sujeito, unicamente dos seus pensamentos”,¹³ isto é, do *total controle* sobre o objeto, que é simultaneamente *total ausência de controle* sobre esse mesmo objeto. O componente anal da libido expressa-se aqui sob a forma do “controle onipotente”, e provavelmente é dessa

¹³ Piera Aulagnier, op. cit., p. 184.

mesma componente que provém a ideia de convidar as prostitutas “sujas e torpes” para a famosa ceia que tanto escandalizou Lisboa.

Pois bem: esse sistema que realiza ao mesmo tempo finalidades eróticas e defensivas funciona para José Matias durante mais sete anos, até que “subitamente desapareceu de todos os antros de vinho e de jogo”. E por quê? Vocês já perceberam: Torres Nogueira está agonizando! A realidade, mais uma vez, vem impor a este homem um trauma de severas proporções. O segundo marido de Elisa desce à cova, e agora os acontecimentos vão se precipitar. Elisa vai passar o luto no interior, ali conhece o “apontador de obras públicas” abandonado pela esposa, e retoma a Lisboa como amante desse homem, “belo moço, sólido, branco, de barba escura, em excelentes condições de quantidade para encher um coração viúvo”. José Matias passa a frequentar uma taverna das proximidades, e ali, à noite, posta-se num portal para a cerimônia do olhar. Mas a este jogo – que inclui, como sempre, o detalhe da luz, aqui representada pelo cigarro que acende a fim de que Elisa saiba que ele está ali – vai se acrescentar um novo elemento, não menos estranho. Se de noite fica no portal propício, durante o dia segue como uma sombra o apontador, “a mirar, a farejar o homem [...] depois não o largava, cautelosamente, como um larápio, rastejando de longe no seu rasto”. O narrador interpreta esta curiosa conduta como um requinte de devoção e de espiritualismo: José Matias estaria zelando pela fidelidade do amante, para verificar se ele se mantinha fiel ao corpo da mulher que, sem o saber, dividia com o herói. O psicanalista, talvez menos preocupado com a fidelidade, veria neste comportamento uma outra determinação. José Matias *transfere para o apontador a mesma obsessão visual em que consiste a realização de seu desejo por Elisa*, do que concluímos que este homem tem para ele o sentido de um objeto sexual idêntico e intercambiável com a mulher. Em outros termos, a homossexualidade latente fica agora mais próxima da consciência, embora, conformemente à inibição geral que caracteriza a sexualidade do personagem, ela não chegue às vias de fato, e mesmo permaneça um pouco aquém daquilo que ele se permite com Elisa: pois não chega a trocar olhares com o amante dela, cuidando-se precisamente para não ser visto. A vergonha diante dessa possibilidade sugere que o grau de repressão desta homossexualidade é suficiente para bloquear o ato, mas não para o impedir de interessar-se “em ato” pelo homem. E um indício da maneira pela qual ele se protege da eclosão da tendência homossexual nos é proporcionado pelo fato de deixar crescer a barba, identificando-se assim com o amante de Elisa, que ostenta no rosto branco uma bonita barba

escura. Notem que essa identificação com aqueles que vivem com Elisa não é nova: no tempo de Matos Miranda, atribuía a este o mesmo prazer visual de que gozava então (“via Elisa desapertando as fitas da saia branca”); no tempo de Torres Nogueira, o vigor sexual deste último fora caricaturado nas extravagâncias de que a ceia com as prostitutas (trinta ou quarenta!) é o exemplo mais evidente.

Pois José Matias não pôde nunca se decidir, se nossas hipóteses estiverem corretas, entre ser como o pai ou ser como a mãe, entre ser sexualmente masculino ou feminino. A cada passo num sentido, corresponde um passo num sentido contrário, resultando desse movimento de vaivém a inibição que o caracteriza e a canalização do desejo para uma formação de compromisso, isto é, ver o objeto, comê-lo com os olhos, sem jamais se aproximar concretamente dele. Quando essa possibilidade se materializa através da morte dos maridos, assistimos a uma agravamento do conflito, através do recurso a objetos que se tornam objeto de *necessidade* (não pode viver sem jogar, nem sem beber).

Mas tais objetos têm, como assinala Piera Aulagnier, a característica de comportar um risco de destruição do próprio sujeito, pela doença física ou pela ruína social. Disso depreendemos que são investidos tanto pelas pulsões sexuais quanto pelas pulsões de destruição, que neste caso funcionam paralelamente, na situação a que os psicanalistas chamam de “desintração pulsional”. É graças a esse objeto que apresenta a particularidade de corresponder às duas pulsões que se pode operar uma intrincação momentânea, porém frágil e precária, em virtude do estado de conflito que opõe permanentemente Eros a Tânatos.¹⁴ É esta a situação que procurei descrever há pouco, falando da quantidade ponderável de agressividade que se podia inferir das maneiras peculiares pelas quais Matias se relaciona consigo mesmo, com os outros e com o mundo à sua volta. Tudo indica que, em seu caso, a intrincação pulsional deu-se de modo tardio e precário, cedendo a pressões que, em minha hipótese, devem ter se intensificado pouco antes de conhecer Elisa, já que é através da relação com ela que elas são afastadas novamente, e de modo bastante estável para perdurar por dez anos. E o que ocorreu antes de conhecer Elisa? *Seus pais morreram*. É a esse fato, e à maneira como ele repercutiu na organização psíquica do personagem, que creio ser possível atribuir a sucessão de eventos que vai marcar sua vida dali para a frente. Isso equivale a centrar suas reações num luto impossível frente aos objetos edípicos;

¹⁴ Piera Aulagnier, op. cit., p. 185.

para justificar esta ideia, devemos agora estudar brevemente o que significa, na psicanálise freudiana, a ideia do *infantil*.

UM POUCO DE TEORIA: FANTASIAS E MEMÓRIAS

Toda neurose toma sua forma manifesta no momento em que o complexo de Édipo deveria se dissolver, momento em que o investimento dos Eus paterno e materno não deve desaparecer, mas se modificar por decantação das demandas a eles dirigidas, e pelo desejo de encontrar novos destinatários para aquelas que já não se podem dirigir a eles. A neurose é efetivamente um compromisso entre a recusa de operar esta diferenciação dos destinatários e a preservação da repressão da componente sexual na demanda dirigida aos pais. Repressão que permite ao Eu não mais saber que é dos seus pais que ele esperava um prazer sexual, no próprio instante em que preserva este mesmo desejo graças à fixação que se opera [...].

A sintomatologia neurótica eclode quando o Eu investiu o Eu de um outro, porque o acreditava capaz de satisfazer a demanda infantil, o que comprova que ele apenas trocou de destinatário, sem por isso modificar o que esperava em resposta às suas primeiras demandas. Que o amem, que o protejam, como ele queria ser amado e protegido pelos pais, e que juntamente com isso lhe seja proporcionado prazer sexual. Pedido irrealizável, porque o outro não pode ser a mãe e o parceiro sexual, o pai e o amante, o filho e o objeto do gozo. É por isso que o conflito neurótico concerne seletivamente ao registro sexual [...], embora seja impossível separar registro narcísico e registro objetal (todo conflito que surge no segundo tem forçosamente consequências no primeiro e vice-versa). [...] É este conflito que torna o gozo aleatório ou impossível.

Ocorre com frequência que esta impossibilidade chegue a uma disjunção parcial: uma parte de agressividade se separa do sexual e tentará se realizar, quer por uma conduta agressiva frente ao outro, quer por uma conduta autoagressiva: Mas é preciso acrescentar que esta agressão é sempre induzida pela recusa oposta pelo outro ao prazer que se esperava: não posso ser simultaneamente mãe e amante, pai e namorado, filho ou filha e parceiro sexual [...]. Na neurose, a pulsão de morte só pode triunfar porque o Eu recusa o sofrimento que resultaria da ausência de um

prazer ao qual ele não quer renunciar, enquanto justamente a realização de um tal prazer tropeçaria na culpa de ter transgredido a proibição do incesto.¹⁵

Este texto denso e um pouco longo resume, em termos teóricos, o percurso que acabamos de fazer. A conduta de José Matias, se ao longo do conto vai se tornando cada vez mais estranha do ponto de vista do bom senso, apresenta do ponto de vista da psicanálise uma lógica implacável. Os atos que pratica perdem sua esquisitez se os considerarmos determinados pelo agravamento progressivo de um conflito fundamental, conflito que provavelmente data da sua infância e que pudera ser manejado de modo relativamente eficaz até um dado momento da história do personagem. A partir daí, o que observamos é o retorno do reprimido e tentativas cada vez mais desesperadas de fazer frente a este ataque interno, tentativas que por sua vez contêm porções cada vez maiores daquilo mesmo que elas visam impedir que aconteça. É a definição mesma do sintoma segundo a psicanálise que vemos ilustrada pelo conto de Eça de Queirós. Se Freud tem razão no que escreve no trecho que abre “Os que fracassam diante do êxito”, o conflito neurótico surge quando uma satisfação libidinal é negada pela realidade; a libido busca então caminhos reprovados pelo ego, disso resultando a formação dos sintomas (ainda que, lembremo-nos, esta condição não seja a única). A hipótese que parece mais plausível aqui é que a “satisfação recusada pela realidade” seja representada pela morte do primeiro marido, que fez a libido do personagem refluir para modos de satisfação “reprovados pelo ego” e desencadeou a fase do retorno do reprimido. Mas devemos pressupor que esse trauma não é o primeiro, que de certo modo ele repete um outro, se consentirmos em ver na figura do conselheiro diabético um substituto paterno. Penso que a morte dos seus pais representou para José Matias um trauma ou um momento de trauma, se quisermos concordar com a ideia freudiana de que são necessários dois acontecimentos separados no tempo para constituir um trauma (o segundo reagindo sobre o primeiro e lhe conferindo a significação traumatizante).

Ora, é aqui que o texto de Piera Aulagnier me parece luminoso. Tudo indica que as “demandas dirigidas aos pais” por José Matias permaneceram imunes à “decantação” que teria podido modificá-las e tornar possível a

¹⁵ Piera Aulagnier, op. cit., pp. 187-9.

escolha de um objeto sexual que não fosse a cópia xerox desses mesmos pais. A paixão dele por Elisa tem todas as características de um amor infantil, ou melhor, de um amor de adulto que regrediu a posições infantis e busca preservá-las com os meios à disposição de um adulto. O conflito neurótico não “eclode” com a morte do primeiro marido, mas muito antes, antes da morte dos pais, em algum momento da infância que será reativado pelo falecimento deles. Naquela ocasião, pôde ser manejado de modo satisfatório, e só veio a tomar forma visível quando do passamento do conselheiro Miranda. A seleção da vizinha como objeto de paixão, com efeito, é já sinal de que algo não vai bem com a vida sexual deste rapaz, embora essa dificuldade só ganhe relevo à luz do que acontece depois. Em outras palavras, é uma primeira solução para o conflito infantil reativado, notável, aliás, pela eficácia, mas que já pressupõe em certa medida o retorno do reprimido; a razão para pensar assim é que não haveria por que buscar soluções para um conflito *inexistente* ou *adormecido*. Como diz a psicanalista francesa, este conflito concerne tanto ao registro objetal quanto ao registro narcísico, isto é, implica também uma problemática no plano das identificações. Como a identidade é também uma identidade sexuada, as peripécias do que denominei “homossexualidade latente” de José Matias merecem reter toda a nossa atenção, como retiveram sem dúvida a do narrador: este não deixa de observar que no tempo de Torres Nogueira o moço se consumira de ciúmes – ciúmes de Elisa, porque o outro “lhe ensinara o que é um homem”, ou porque ela é quem podia desfrutar da virilidade morena do antigo “pegador de touros”?

O importante é que, num caso como no outro, as “primeiras demandas” parecem ter se imposto com extrema intensidade, de modo que as diferentes etapas da biografia do jovem são na verdade diferentes figuras da repetição. E aqui cabe um esclarecimento quanto à fórmula um pouco esquemática de Aulagnier, quando ela afirma que “a agressão é sempre induzida pela recusa do outro ao prazer que se esperava”. Na história de José Matias, não parece ter existido este elemento, a menos que consideremos *a morte dos dois maridos* como sinal dessa recusa. Isso combinaria bem com a ideia da homossexualidade latente, mas a meu ver seria parcial; pois à recusa do outro devemos somar, como explica Freud na sequência do artigo sobre os que fracassam ao triunfar, a “recusa interna”, isto é, uma privação imposta pelo ego que torna impossível realizar o luto do objeto perdido e, portanto, igualmente impossível o gozo daquilo que aparece na cena

da realidade. É isto que, a meu ver, acontece com José Matias. E, para compreender bem este ponto, convém tomar as coisas por outro ângulo, deixando agora de lado a sua infeliz história, e solicitando à teoria psicanalítica que nos esclareça algumas das relações que, segundo ela, unem o desejo ao objeto, à fantasia, à lembrança e às defesas. Pois toda a construção que lhes apresentei repousa sobre o pressuposto de que o desejo infantil, embora reprimido ou disfarçado, *exerce influência a distância sobre os caminhos da libido na vida adulta*, ainda que esta influência não seja absoluta. É esse pressuposto que se trata de fundamentar, para concluir nosso trajeto de hoje.

Um bom ponto de partida para esta breve excursão pela metapsicologia é a ideia de que o desejo não é um dado original da natureza humana, mas se forma como resultado de uma série de processos. Uma vez formado, contudo, ele obedece a um certo modelo que possui força coercitiva, um protótipo eficiente, se assim podemos designá-lo; ou talvez seja melhor dizer que ele *constitui* esse modelo, ao qual deverão se conformar as experiências posteriores para poderem ter o sentido de “realização de desejo”. A descrição do processo pelo qual se forma esse protótipo encontra-se numa das mais famosas passagens da *Interpretação dos sonhos*. Tendo afirmado que o aparelho psíquico não pode se manter por muito tempo livre das excitações impostas pelas grandes necessidades do corpo, Freud prossegue dizendo que a criança faminta chorará ou esperneará, até que uma modificação ocorra graças à ajuda de uma pessoa adulta.

A criança experiencia então a *vivência de satisfação*, que suprime a excitação interna. Uma parte essencial desta vivência é o surgimento de uma certa percepção (a comida, no exemplo), cuja imagem fica daqui por diante associada com o traço mnêmico deixado pela excitação da necessidade (*Gedächtnisspur der Bedürfniserregung*). Continua Freud: “Ao surgir numa próxima vez esta necessidade, ocorrerá, graças à ligação estabelecida, um movimento psíquico que quer reinvestir a imagem mnêmica daquela percepção e provocar a própria percepção, isto é, reproduzir a situação da primeira satisfação. Um tal movimento é o que denominamos desejo; a reparação da percepção é a realização de desejo, e o reinvestimento total de percepção a partir da excitação da necessidade o caminho mais curto para a realização de desejo. Nada nos impede assim de assumir um estado primitivo do aparelho psíquico, no qual este caminho é tomando de modo tal que o desejar se completa num alucinar. Esta primeira atividade psíquica visa assim a uma

identidade de percepção, a saber, a repetição daquela percepção que está vinculada à satisfação da necessidade”.¹⁶

Esta passagem é capital para compreendermos o que é o desejo na óptica da psicanálise freudiana. Em primeiro lugar, ele é um movimento psíquico que *não* visa um objeto exterior – este é visado pela necessidade e depois pela pulsão – mas sim algo que está *no interior da psique*: a imagem mnêmica da percepção que acompanhou a satisfação da necessidade. O que o desejo visa é “reinvestir a imagem mnêmica daquela percepção e provocar a própria percepção”. É evidente que a percepção percebeu algo que ocorre fora do sujeito (a chegada da comida, no exemplo), mas ela foi acompanhada por uma sensação interna que deixa um traço; a imagem mnêmica desta percepção e da sensação concomitante estão inseridas na memória do sujeito. Isso porque a passagem de excitação deixa um traço, que vai ser associado com a imagem mnêmica da percepção satisfatória. O desejo depende, portanto, de uma associação que precede e condiciona sua existência, que lhe mostra um caminho, e que é uma associação entre *traços* e *imagens*, entre representações psíquicas. Ele visa por isso a reproduzir um estado de satisfação que é sempre *anterior*, e aquilo que surge na cena da realidade só cumpre essa condição (de objeto do desejo) se corresponder de algum modo à imagem mnêmica cuja reprodução é procurada. O objeto externo tem então que se conformar com essa imagem para poder ser investido, para ganhar significação psíquica; mas isso implica que nenhum objeto externo jamais satisfará plenamente a condição mencionada, posto que *aquela* percepção, causa da imagem mnêmica que polariza o desejo, não pode ser repetida: é única e pertence ao passado. Se assim for, a segunda vivência de satisfação já proporciona uma satisfação que devemos qualificar como substitutiva. Além disso, o desejo é uma atividade psíquica, e como tal não permanece imune às regras que governam tal atividade: o modelo quase desencarnado que Freud nos apresenta aqui vai se complicar consideravelmente, à medida que forem sendo por ele introduzidas outras dimensões do funcionamento mental.

Não é minha intenção estudar, a esta altura, a evolução deste modelo ao longo da vida do *Homo psychoanalyticus*, nem ao longo da obra de Freud. Basta dizer que mesmo em *A interpretação dos sonhos* essa noção do desejo vai ser ampliada e detalhada, porém sempre remetendo ao que é o seu núcleo, a ideia do desejo

¹⁶ S. Freud, *A interpretação dos sonhos*, capítulo VII, seção C, SA II, p. 539; BN I, p. 689.

infantil. A pregnância do passado atua sobre as nossas experiências, fazendo com que elas se apoiem umas nas outras e introduzam ao mesmo tempo novas figuras do desejável. Estas mantêm com as primeiras uma relação que poderíamos comparar à reprodução de um desenho com auxílio do normógrafo, aquele instrumento que permite copiar em escala maior ou menor uma figura já dada. Essa comparação não é exata, porém: pois nessas “novas figuras do desejável” entra sempre um elemento novo, algo que provém da experiência, que de uma maneira ou de outra entra em ressonância com os protótipos infantis. Estes exercem perenemente uma atração sobre o novo, mas não exigem a conformidade completa: digamos que os objeto do desejo, e em especial do desejo sexual, são *bali-zados* por esses protótipos (que Freud chamava de *Vorbilde*), inclusive no grau de disparidade tolerável entre o modelo e o novo objeto em que ele se materializa, sempre aproximativamente.

Por que *aproximativamente*? Porque a evolução psíquica, embora apresente certas regularidades, está longe de ser linear. O que caracteriza a mecânica da alma a que Freud denominou metapsicologia é a *pluralidade* de dimensões, que podem se compor ou se inibir reciprocamente, como vimos no início desta conferência, ao falarmos do sonho e dos desejos que nele se realizam. Realizam-se na dimensão da fantasia, ao abrigo dos obstáculos externos – representados pela regulação social da agressividade e pela lei do incesto – mas não ao abrigo dos obstáculos internos, que caem sob a égide do desprazer. A lei do desprazer faz com que um dado processo psíquico seja interrompido por um processo de sentido contrário, sempre que sua consecução ameace produzir desprazer. Isso se paga com uma série de inibições, e, a depender do grau e da intensidade dessas inibições, o funcionamento mental pode ficar severamente comprometido.

A passagem de Freud que mencionei há pouco sugere que o núcleo das “fantasias de desejo” são acontecimentos reais que sucedem na vida da criança; mas, se dermos crédito à ideia de um desenvolvimento não-linear, não há motivo para supor que esses acontecimentos produzam efeitos “diretos”, seja qual for a significação que outorgarmos ao termo *diretos*. Devemos contar com a predisposição constituída pelo sistema em cuja periferia vão suceder esses acontecimentos: nesse sistema, estão registradas certas constantes próprias a cada indivíduo, em função do que já viveu, do que o faz sentir angústia, do que lhe proporcionou prazer. Um acontecimento é algo que rompe, momentaneamente, o equilíbrio desse sistema, que deve se reorganizar para incluí-lo em si. A essa reorganização

podemos chamar “elaboração”, inscrição numa rede associativa que decompõe e recompõe incessantemente os diferentes aspectos do acontecimento. Desse ponto de vista, todo acontecimento é um pequeno abalo, um “momento de provação” que vai se inscrever numa sequência temporal de experiências, porque solicita a libido e deixa uma impressão, um traço mnêmico, como diz Freud. É esse traço que vai ser investido pelos movimentos pulsionais, vai ser ligado a outros traços, vai entrar em configurações múltiplas e existir sob a forma de um incessante movimento.

Disto resulta a formação de algo como um grão psíquico, a partir do qual vão se formar as “fantasias de desejo”. A fantasia aparece assim como uma espécie de esquema fundamental, cujos traços é possível inferir dos atos que visam, por caminhos tortuosos (tortuosos por causa das defesas internas), encontrar um objeto que corresponde de uma forma ou de outra às determinações que o constituem. Como as próprias fantasias estão por outro lado submetidas ao processo de combinação e recombinação engendrado pelo funcionamento do aparelho psíquico e pela história singular de cada um de nós, não é de admirar que entre os *atos visíveis*, os *sintomas que os sustentam* e os *modelos inconscientes* que estão na base de uns e de outros a distância possa ser por vezes imensa. Mas ao menos em tese seria possível, pela análise e pela via regrediente que vai em busca das condições e das condições das condições, encontrar algo próximo desse grão fundamental, desse esquema que organiza de maneira incrivelmente complicada – mas não aleatória – o modo pelo qual nós amamos e odiamos. Parafrazeando Einstein, para quem “Deus é sutil, mas não maldoso”, poderíamos dizer que na psicanálise o que vemos pode parecer absurdo, mas jamais o é. Na prática do tratamento analítico, é através da transferência e da repetição dos padrões infantis – favorecidas pela neutralidade do analista e pelas condições específicas do “enquadramento” – que podemos ter algum acesso a esses modelos, protótipos ou esquemas, que nos governam à nossa revelia e que, na história de cada qual, podem ter contribuído para engendrar um sofrimento excessivo e desnecessário.

A fantasia inconsciente é assim o cenário em que repete e se realiza o desejo eternamente vivo da criança que cada um de nós foi, e que o sonho nos faz reencontrar a cada noite, como diz Freud, “viva com todos os seus impulsos”. Por esse motivo, a representação fantasmática não é nem pode ser um mero decalque do percebido, mas uma incitação a agir, a buscar na cena da realidade exterior meios e modos de alcançar um objeto que se assemelhe ao desejado. Por esse motivo,

também, Freud pode afirmar que a reprodução das impressões da infância é *em si mesma* uma realização de desejo.

Disso decorre que o infantil na psicanálise não é somente o resíduo do que ocorreu quando éramos pequenos, nem apenas algo anacrônico, imaturo, que deveria ser abolido pelo acesso à “normalidade adulta”. O que observamos, ao contrário, é que demasiado frequentemente o adulto odeia essa criança que traz dentro de si, procura massacrá-la com exigências estapafúrdias, e no fundo a teme porque sabe que ela continua a desejar o que sempre desejou. O infantil corresponde à influência exercida sobre a vida pulsional e fantasmática pelos traços inapagáveis das impressões precoces. Essa influência, imune ao processo secundário, e portanto à ação devastadora do tempo, origina-se da captação das pulsões em formas paradigmáticas, exemplares, que determinam atrações e repulsas. Tais formas, no dizer de Maurice Dayan, “constituíram-se a partir de experiências contingentes, mas se emanciparam dessas experiências e se tornaram matrizes de novas experiências; e os efeitos da repressão, que as mantêm como uma zona psíquica separada, inacessível à consciência do sujeito, ao mesmo tempo as protegem da degradação que decorreria de sua inclusão nos fluxos associativos do processo secundário”.¹⁷ É assim que se explica o fato paradoxal de que justamente aquilo que mais solicitou e mais comprometeu a libido da criança não seja aquilo de que ela se recorda na vida adulta, mas aquilo que *insiste* nos seus atos e nos seus sintomas. São esses elementos que, pelo avesso, fornecem o único acesso possível ao que em psicanálise denominamos o infantil. Dessa situação decorrem, como disse, a concepção freudiana da transferência e as regras básicas da arte de analisar, mas esse não é nosso tema de hoje. O que importa assinalar é que mesmo no tratamento analítico podem ocorrer situações que manifestam uma incoercível compulsão à repetição desse infantil, que por vezes se cristalizam numa neurose de transferência virtualmente inanalísável. É o que Freud nos diz numa passagem de *Além do princípio do prazer*, que nos permitirá retornar à história de José Matias:

Ao contrário [da criança que exige incansavelmente a repetição da mesma história, porque o reencontro da identidade é em si mesmo fonte de prazer], no analisado aparece claramente que a coerção a repetir na transferência os acontecimentos de

¹⁷ Maurice Dayan, *Inconscient et réalité*, Paris, PUF, 1985, p. 397.

sua vida infantil se coloca de qualquer modo fora e acima do princípio do prazer. O paciente se conduz então de modo absolutamente infantil e nos mostra que os traços mnêmicos reprimidos de suas experiências vividas originárias não estão presentes no estado ligado, e de fato são, em certa medida, inaptos ao processo secundário. É também a esta ausência de ligação que eles devem sua capacidade de formar, por conjunções com os restos diurnos, uma fantasia de desejo que compete ao sonho apresentar de maneira figurada.¹⁸

Neste texto, se opõem traços mnêmicos de duas espécies: os que estão “ligados” e os que estão “desligados”, o que não quer dizer inativos, mas dissociados, e em regime de mobilidade permanente. Esses traços não constituem e não podem constituir lembranças verbalizáveis. A este respeito, o comentário de Maurice Dayan é muito preciso e de grande utilidade para nós:

São sequelas de impressões deixadas pelas experiências “originárias”, que puseram à prova uma libido não-desenvolvida [...]. Esses traços, sedimentos de impressões não-objetiváveis, não são suscetíveis de uma composição mnemônica pré-consciente. Prestam-se ao contrário a conjunções anacrônicas com sequelas de impressões muito mais tardias, especialmente estes “restos diurnos” mobilizados pela atividade onírica. Mas se submetem de bom grado à repetição compulsiva, retorno traumático do mesmo que assinala uma conduta “absolutamente infantil” [...]. Este infantil na repetição, que tem como condição a indisponibilidade do traço para o ato da lembrança, é uma figura da instância mortífera, na medida em que se comporta como representante livre do pulsional, separado da vida psíquica, sexual e social do adulto.¹⁹

Ora, é precisamente esse tipo de traço mnêmico que parece ser demoniacamente eficaz na existência de José Matias. Um deles nos chamou a atenção: o elemento “branco” ou “luminoso”, que retorna nos mais variados contextos e em especial nas fantasias sobre Elisa, além do “rosto branco” do último homem que dorme com ela. Se as análises que mencionei fazem sentido, estamos diante de um fator do gênero “livre”, algo que insiste em se reproduzir, ou melhor, que

¹⁸ S. Freud, *Além do princípio do prazer*, capítulo v, SA m, pp. 245-56; BN III, p. 2524.

¹⁹ Maurice Dayan, op. cit., p. 405.

atrai inelutavelmente o desejo, mesmo que com o risco da morte se perfilando no horizonte; algo que parece se localizar *aquém* de todo desejo formulável da fantasia ou na lembrança. Até aqui é possível retroceder, na tentativa de compreender a gênese das condutas tão extravagantes deste personagem; o resto se perde em brumas impenetráveis. Por que “branco”? Por que “luminoso”? Não sabemos, e de nada adiantaria questionar José Matias a esse respeito... Apenas podemos fazer uma conjectura formal, no sentido de que esses aspectos devem ter estado de algum modo associados às experiências originárias, aquelas cujos traços se tornam matrizes de fantasia e pivôs da identificação. Quanto a saber *quais* poderiam ter sido essas experiências, mesmo a imaginação reconstrutiva do psicanalista precisa se deter: é certo apenas que elas devem ter sido de algum modo traumatizantes, não porque tenham sido excepcionalmente violentas, mas porque assumiram o sentido de choques na frágil organização da criança que os viveu.

É nessa perspectiva que se tornam imagináveis as hipóteses que sugeri anteriormente acerca das fantasias, das identificações e das origens de inibição sexual que caracteriza nosso herói. Ao que parece, este não pôde fazer o luto dos seus primeiros objetos, nem desprender-se das formas de satisfação pulsional que então se organizaram. Bem ou mal, a vida o poupou até a época em que morreram seus pais. Essas mortes ativaram nele os velhos conflitos enlaçados ao complexo de Édipo: a esses conflitos e às tentativas mais ou menos canhestras de José Matias para resolvê-los podemos associar os eventos da sua triste existência a partir do momento em que vai habitar com o tio. Regime singular de um indivíduo singular: agradeçamos a Eça de Queirós a descrição detalhada daquilo a que chamou “a complicada sutileza desta paixão”. É desse estofado que são feitos os nossos desejos, e a psicanálise nos ajuda a lançar um pouco de luz sobre a trama incredivelmente complexa em que eles são tecidos. Eu disse “um pouco de luz”?! Não sorriam... e quem quiser que conte outra.

“Renato Mezan assume claramente sua intenção de ser persuasivo e sedutor, levando o leitor a partilhar com ele o sabor das descobertas e das ideias novas. A vivacidade do autor e seu conhecimento multifacetado são exemplos da fecundidade atual da psicanálise, e da possibilidade de liberdade interior que ela nos oferece.”

ANNA MARIA AMARAL *Revista Percurso*

“Um dos prazeres da leitura de qualquer trabalho de Renato Mezan vem de um sentimento de transparência. Mezan consegue quase sempre desdobrar as questões de tal forma que sua apresentação e sua argumentação parecem fáceis. O resultado é um estilo que dá seus melhores frutos quando trata de acalmar espíritos que se perdem em polêmicas improdutivas: excele em restabelecer o diálogo onde em geral se trocam facadas.”

CONTARDO CALLIGARIS *Folha de S. Paulo*



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Tempo de Muda Ensaio de psicanálise

Renato Mezan

ISBN: 9786555062663

Páginas: 336

Formato: 16 x 23 cm

Ano de Publicação: 2021

Peso: 0.460 kg
